

## Como citar este artigo:

TRAVAGLIA, Luiz Carlos (1999). "O relevo no Português falado: tipos e estratégias, processos e recursos" in NEVES, Maria Helena de Moura (org.) **Gramática do Português Falado Vol.VII: Novos estudos**. São Paulo: Humanitas / FFLCH-USP; Campinas,SP: Ed. da UNICAMP, 1999: 77-130.

# O RELEVO NO PORTUGUÊS FALADO: TIPOS E ESTRATÉGIAS, PROCESSOS E RECURSOS

*Luiz Carlos Travaglia*

*(Universidade Federal de Uberlândia)*

## 1. Introdução

Chamamos de relevo ao fenômeno de o falante, ao falar, formulando, construindo, constituindo seu texto:

- a) dar destaque a determinados elementos<sup>1</sup> dentro desse mesmo texto, colocando-os em proeminência em relação a outros ou
- b) fazer um rebaixamento, “ocultamento” de determinados elementos em relação a outros.

No primeiro caso, temos um relevo positivo, pelo qual, dentro do desenvolvimento do tópico discursivo, os falantes fazem relevo de determinados conteúdos ou aspectos do que dizem (partes da seqüência lingüística), dando um destaque especial a certas entidades e informações ou a um conjunto de elementos do texto ou a um tipo de elemento dentro do texto, que ficam então, de alguma forma, em um plano mais elevado que os demais elementos do mesmo texto. No segundo caso, temos um relevo negativo, pelo qual, por alguma razão, o falante quer que determinado(s) elemento(s) do texto passem despercebidos ou não tenham a atenção do interlocutor, não porque sejam sem importância, mas quase sempre por questões de argumentação ou questões ligadas às relações entre ele e o interlocutor<sup>2</sup>. Apenas para efeito de distinção podemos chamar o relevo positivo de **proeminência** e o relevo negativo, de **rebaixamento**. Assim com relação ao relevo podemos propor que os elementos do texto teriam um “status” proeminente, normal ou rebaixado.

O relevo pode ser local, quando se aplica a elementos pontuais isolados do texto, mas pode ser mais abrangente quando atinge um determinado tipo de elemento do texto em relação aos outros.

Parece que o falante dá relevo a elementos dentro do desenvolvimento do tópico discursivo por razões diversas, sobretudo por razões ideacionais/cognitivas, argumentativas e emocionais, com diferentes funções. O relevo, assim, estaria ligado à estrutura ideacional e interacional do texto.

Entre as funções do relevo positivo a básica é exatamente dar destaque/proeminência, que pode ter funções derivadas tais como: a) enfatizar; b) intensificar; c) marcar um valor especial, indicando que o elemento em relevo deve ser tomado num sentido diverso do habitual, muitas vezes contrário; d) estabelecer contraste; e) reforçar um argumento; f) marcar importância para a estrutura ideacional/informacional; g) marcar o foco informacional etc. Nada podemos dizer quanto às funções do relevo negativo, já que não encontramos ocorrências do mesmo no "corpus" analisado.

Sem dúvida, marcar relevo é um recurso de organização do texto, sobretudo no que diz respeito aos elementos ideacionais do mesmo, marcando avaliações que o produtor do texto faz basicamente sobre o conteúdo do texto, mas também sobre alguns elementos da interação. A própria apresentação que o produtor do texto faz para o receptor dessas avaliações representa já um aspecto interacional, pois na verdade o produtor com tal relevo está propondo ao seu interlocutor uma direção e não outra dentro da interação a que o uso do texto está servindo. Esse direcionamento representa uma dimensão argumentativa (em sentido amplo) do relevo. O relevo parece marcar como o produtor do texto representa os elementos constitutivos do texto, como ele propõe que o ouvinte represente o texto.

O **objetivo** básico deste trabalho é estudar a atividade de se produzir relevo na constituição de um texto (no desenvolvimento do tópico discursivo e em alguns aspectos interacionais), procurando:

- a) levantar os tipos de relevo que podem ser encontrados na língua falada;
- b) elencar os recursos lingüísticos de diferentes tipos ou ordens que os falantes usam na Língua Portuguesa falada para marcar a proeminência ou o rebaixamento, configurando o fenômeno da língua que

estamos chamando de relevo e observar particularidades de seu funcionamento;

- c) identificar funções que o relevo pode ter no funcionamento do texto em uma dada situação de interação.

Para este fim trabalhamos com os seguintes inquéritos do NURC<sup>3</sup>:

D2	DID	EF	
1º grupo			
POA 291 (80 min.)	RJ 328 (40 min.)	REC 337 (60 min.)	SP 59 (grav. secr.-20 min.)
2º grupo			
SP 360 (66 min.)	SP 234 (40 min.)	SP 405 (35 min.)	SSA 231 (46 min.)

## 2. Tipos de relevo

Como já vimos na introdução, quanto à direção do relevo, este pode ser **positivo (proeminência)** ou **negativo (rebaixamento)**.

Quanto à natureza o relevo pode ser de diferentes tipos<sup>4</sup>:

1) O estabelecimento de contraste entre **figura e fundo**, entre **primeiro e segundo planos no texto**. O objetivo aqui é buscar os mecanismos e recursos (formas, categorias, etc.) envolvidos neste contraste que está ligado à relevância temática, que, segundo Fuchs (1987) seria a relação de uma predicação com um quadro temático compartilhado pelos interlocutores

Na literatura lingüística sobre o assunto, a maioria dos autores afirma que o estabelecimento de figura e fundo é função do aspecto verbal (Cf. Hopper, 1982 para o Malaio; Li, Thompson e Thompson, 1982 para o Mandarim; Rafferty, 1982 para o Indonésio e Travaglia, 1991 para o Português). Outros autores colocam o estabelecimento de figura e fundo como função dos tempos verbais (Weinrich, 1968), ou de modos verbais (Kalmár, 1982). Parece, portanto, que o contraste figura/fundo seria sempre função das formas e categorias verbais. Estes estudos referem-se sobretudo à língua escrita e foram feitos em sua maioria com relação à narração.

2) **Organização das informações em termos de informações essenciais e secundárias**. O falante marca de alguma forma informações que consi-

dera essenciais, importantes e outras que considera menos importantes dentro do tópico que está desenvolvendo, servindo mais à constituição do quadro temático a que Fuchs se refere.

Alguns autores, como Kalmár, 1982<sup>5</sup> e Travaglia, 1991<sup>6</sup>, realizaram estudos em que o verbo aparece como organizador das informações em essenciais e secundárias, mas temos evidências de que não é só o verbo (suas formas e categorias) que exerce esta função. Temos outros recursos tais como: entonação, elementos lexicais, tipos de oração. Alguns desses recursos marcam certas informações como importantes para o falante dentro do que ele está colocando no desenvolvimento do tópico e, portanto, como algo que ele vê como essencial.

3) Indicação de **relevância pragmática de uma situação, de algo no texto** (acontecimento, estado, comentário) **para a situação presente** (o aqui e o agora) ou **para um ponto de referência**<sup>7</sup>.

4) Os **fatos de focalização** em que se observa o destaque, a proeminência que se dá a um tipo de elemento do texto. Os tipos de elementos que podem ser focalizados parecem variar de acordo com o tipo de texto. Como hipótese, pode-se propor algumas possibilidades teóricas de focalizações diferentes (cf. Travaglia, 1991), algumas já constatadas, tais como:

- a) na narração: foco no participante e seus estados, nos acontecimentos, no falante (narrador)<sup>8</sup>;
- b) na descrição: foco em características de tipos diferentes: psicológicas/físicas, transitórias/permanentes, elementos/atributos, etc.;
- c) na dissertação: foco em conceitos e relações, em argumentos ou não argumentos;
- d) na injunção: foco na ação a executar, no executante, no ato de determinar a realização de algo, na justificativa.

Independentemente do tipo de texto, o Português faz focalização de diferentes elementos (como a informação nova), utilizando recursos diversos: entonação, velocidade de fala, recursos sintáticos (topicalização, expletivos) e lexicais (uso de expressões como “importa notar /observar/ registrar, etc.”; “é importante”; note-se que”, etc.)

Quanto aos planos em que o relevo se instancia e que se caracterizam pela razão do relevo, temos pelo menos três tipos:

1) Fatos de **relevo emocional**, em que o falante dá destaque a determinados elementos e/ou passagens do texto, em consequência de seu envolvimento emocional com o que diz, do impacto emocional que as idéias ou fatos têm sobre o falante.

2) **Relevo argumentativo**, quando o falante destaca uma informação ou argumento que ele julga fundamental dentro do que ele diz, para se chegar à conclusão que ele deseja;

3) **Relevo ideacional/cognitivo**, quando o falante aponta determinados elementos como importantes para as idéias que estão sendo colocadas;

Parece-nos que esses tipos não são excludentes e podem aparecer em conjunção, sobretudo os tipos ligados aos planos de instanciação do relevo. Assim, por exemplo, é comum termos um relevo ao mesmo tempo emocional/argumentativo ou ideacional/argumentativo. E toda informação que recebe um destaque por ser importante para o falante, evidentemente será para ele uma informação essencial dentro do desenvolvimento de seu tópico. O que ele coloca em primeiro plano normalmente é visto como mais importante no desenvolvimento do tópico do que o que coloca em segundo plano, pelo menos no sentido de que o tópico não ficaria devidamente desenvolvido se estas informações fossem eliminadas ou não fossem processadas levando em conta o destaque que se dá a elas.

### 3. Recursos marcadores de relevo

Pudemos observar que o relevo é estabelecido por recursos de diferentes naturezas quer quanto ao plano da língua a que pertencem (fônico, lexical, morfológico, sintático) quer quanto a sua função na constituição do texto (marcadores conversacionais, parênteses, recursos expletivos, etc.).

Na análise dos dados pudemos observar a atuação no estabelecimento de relevo, dos recursos abaixo especificados e que por vezes atuam em conjunto.

## 3.1 Recursos fônicos

### 3.1.1 Entonação

Em alguns momentos o falante dá a um determinado trecho um contorno entonacional bastante particular destacando-o dos demais trechos. Fica difícil descrever este contorno entonacional sem reproduzi-lo graficamente por aparelhos apropriados. Seria interessante que especialistas da área de fonética e fonologia determinassem com exatidão o que há de especial em trechos onde se percebe a “ouvido nu” algo de particular que dá proeminência a determinado trecho.

- (1) .... você falando sobre como o ca/ como é o café... isso me ocorreu... é assim usar frutas... né... de manhã no café... normalmente quando você vai pra fora...eles servem um... um café bem mais... eh... abundante... né? você tem frutas... você tem frios... eles servem suco... depois então ainda servem o café com leite... mas realmente se você tomar isso tudo... me... onze meia que é a hora que eu almoço... normalmente... eu não tenho vontade de almoçar... **e aí ... já sabe... a minha TAXA de... a gordura vai aumentar sensivelmente porque come um tanto de coisa ( )**

.....

(NURC/RJ DID 328 l. 312-321)

Falando sobre alimentação, nesta passagem a falante, que diz sempre ter uma preocupação com não engordar, dá um destaque todo especial ao que emocional e racionalmente seria a razão para ela não fazer um café da manhã como o que descreve. O relevo aqui tem uma natureza entre emocional e ideacional e é argumentativo, mas o que parece provocar a entonação especial (inclusive num tom meio jocoso, como que rindo) parece ser o componente emocional que a falante agrega a este elemento.

- (2) II- ..... eu tenho um co nhecido, aliás, um amigo comum nosso que ele é especialista em comida internacional então vai faze(r) uma comida chinesa, indiana, qualque(r) coisa até incenso ele queima, bah, só falta música ambiental, só falta eu me vesti(r) a rigor.

(NURC/POA D2 291 l. 125-129)

O modo como o falante diz dando um destaque é que nos pareceu ter um caráter emocional, marcando o quanto o fato impressiona o falante, o quão especial ele acha o modo como o amigo serve.

- (3) I2- ..... eu acho que é errado que compre inclusive um melhoral sem receita médica. .. eu acho isso uma **monstruosidade**, entretanto muito mais do que o melhoral até mesmo, antibióticos se compra sem receita médica.

(NURC/POA D2 291 l. 642-643)

Em (3) o falante dá um contorno à pronúncia de “monstruosidade” que evidencia o quanto, em sua opinião, este fato é errado: a palavra é falada num ritmo mais lento, quase recortando as sílabas, com um tom mais alto na primeira sílaba que é alongada, abaixando a seguir e voltando a subir na sílaba tônica. A motivação parece ser um pouco ideacional/cognitiva, mas essencialmente emocional e resulta em intensificação da vertente emocional da opinião do falante.

### 3.1.2 Altura da voz

#### 3.1.2.1 O recurso

A altura da voz é o tom que o falante usa ao falar determinados elementos: normalmente sílabas ou palavras e mais raramente trechos maiores do texto. Existe a altura normal de fala e o falante pode enunciar alguns elementos em tom mais alto ou mais baixo. Dessa forma a altura, normalmente, pode ser usada basicamente com dois fins:

- a) para destacar (tom alto), por exemplo, informação nova ou informação considerada fundamental pelo falante para a compreensão do que ele diz;
- b) para apagar, obscurecer, “camuflar” (tom baixo). Neste caso o falante diz, mas, por qualquer razão, não quer que o interlocutor perceba, preste atenção ou mesmo registre o que ele disse e então usa uma altura (bem) mais baixa do que a normal de sua fala.

Não encontramos exemplos do segundo caso, talvez, porque quando isto ocorre normalmente, pelo menos nos inquiridos observados, a fala ficou ininteligível nas gravações. Os exemplos do uso de uma altura maior para destacar são bastante frequentes. Na verdade talvez o recurso fônico mais utilizado em todos os tipos de inquiridos. Vejamos alguns exemplos.



No exemplo (1) a falante dá proeminência a “taxa”, usando a altura da voz, além do relevo já atribuído pelo modo particular de dizer o trecho. Isto ocorre porque é muito importante para ela não engordar e a taxa de gordura é fundamental na constituição de sua forma de alimentar-se.

- (4) “esses saberes fundamentais sobre o jurídico ... são ciências”... esses três saberes... não é? são ciências no sentido de que ... representam um conjunto or-de-na-do de definições... **CLASSIFICAÇÕES** e proposições... sobre relações... pertinentes ao direito...”

(NURC/REC EF-337 l. 290-294)

No exemplo (4) a professora em sua aula sobre direito destaca os elementos que julga fundamentais para o subtópico que desenvolve no momento de que a sociologia do direito, a filosofia do direito e a dogmática jurídica são perspectivas de abordagem do direito que mantêm entre si uma complementariedade e têm caráter científico. É um relevo de natureza ideacional/ cognitiva.

- (5) a- .....você tá entendendo João agora a diferença?... não é que o estudo não seja sério... é sério também como eu falei antes... **HÁ** sistematização **EXISTE** sistematização... existe análise também... eu diria que existe até mes:mo... um olhar assim um tanto voltado à realidade...

(NURC/REC EF-337 l. 355-360)

- b- outra pergunta foi a seguinte... existe diferença ... entre... ciência do normativo e... uma ciência normativa?.....  
..... expliquem com suas próprias palavras o que foi que vocês encontraram? existe diferença? **HÁ** diferença? ou não? ... talvez seja a pergunta mais difícil de todo o capítulo...

(NURC/REC EF-337 l. 470-487)

Nas duas passagens era fundamental para a professora a existência dos elementos: no primeiro a **existência** de sistematização, no segundo caso a **existência** ou não de diferença. Assim, por razões ideacionais/cognitivas, a falante dá relevo ao fato de estes elementos existirem. No exemplo **b** pode-se também

pensar que a falante está fazendo uma correção de uma forma menos culta para uma forma mais culta e dá destaque ao elemento corrigido<sup>9</sup>. Esta hipótese é plausível em primeiro lugar porque várias vezes a falante alterna as formas “há” e “existe” (além das passagens de 5, veja também no exemplo 6 as formas em itálico) e em segundo lugar porque em alguns momentos a falante se mostra preocupada com as pesquisadoras da área de Letras dentro da sala de aula, o que poderia levá-la a uma preocupação maior com a forma de sua fala.

- (6) ..... são as três:... num *é*? perspectivas... elas são:... complementa:res ou não: Eduardo? *há* um sentido de complementariedade ou não ou são assim... cada uma que se vire e: que não olhe a outra... você diria ((intervenção de locutor acidental)) *é*... uhum... Arnaldo não *é*? faz uma... complementação **NO TEXTO** ou **PELO TEXTO** *há existe* complementariedade... bem nós **VA:MOS** não *é*? admitir... aqui... em aula... que: *existe* uma: complementariedade entre esses três saberes... ou três conhecimentos...

(NURC/REC EF-337 l. 133-140)

A professora dá relevo a “no texto” e “pelo texto” para marcar que a idéia que está colocando é do texto, embora ela também participe dessa idéia de que há complementariedade entre as três abordagens do direito em discussão. O relevo de “vamos” parece ter sido usado para marcar que a seguir vem algo importante para a aula: a posição que a professora quer que seja assumida.

- (7) ..... porque a sociologia do direito por exemplo ela não estuda somente ... ela estuda a lei mas **NÃO** somente a lei **TAMBÉM** a lei... em relação: ou em adequação com a própria realidade... social... então João ...se... não *é*? na próxima avaliação... eu pergunto... ou eu **AFIRMO**... eu posso afirmar também... sociologia do direito é igual a sociologia... jurídica... corre:to... ou errado... justifique sua resposta vamos supor...

(NURC/REC EF-337 l. 170-177)

Nesta passagem a professora estabelece relevo em “não” e “também” para marcar que a lei é apenas uma das coisas estudadas pela sociologia do direito. Temos um relevo de natureza ideacional/ cognitiva. Já a proeminência dada a “afirmo” tem uma natureza mais difícil de determinar. Ela parece estar querendo marcar a alternativa de questão que lhe parece melhor elaboração

para uma questão sobre o assunto em foco, ou seja, a proeminência apontaria a forma preferida para a questão, indicando aos alunos o que mais provavelmente ocorrerá.

- (8) I2- **Mas exótico, exótico mesmo, foi na casa do cônsul japonês aqui em Porto Alegre...** há uns três anos atrás mais ou menos eu fui convidado prum almoço assim muito íntimo e a senhora... ela que preparou... eram olhos de peixe... a sopa.

(NURC/POA D2 291 l. 272-275)

Em (8) a altura da voz deu proeminência à idéia de exotismo, porque antes o falante contara sobre outras comidas exóticas, mas quis colocar a que vinha a seguir como a mais exótica de todas. Além do relevo à idéia de exotismo a altura da voz serviu também à manutenção do turno, uma vez que o outro falante (I1) começou a entrar e I2 não tinha terminado. Parece que só a manutenção do turno justifica a manutenção da voz em uma altura maior no trecho em negrito a partir de “foi”. Neste caso, além da altura da voz, atuam na atribuição de relevo a repetição de “exótico” (cf. item 3.4.3) e o uso do item lexical “mesmo” (cf. item 3.2.2).

- (9) I2- .....por exemplo, pitanga, tem uma vizinha ali que tem um de pitanga que é uma **SEN-SA-CIO-NAL**, o tamanho das pitanga(s), puxa! Aquilo é uma beleza....

(NURC/POA D2 291 l. 552-554)

Aqui o relevo dado pela altura da voz e pelo recorte silábico serve para o falante reafirmar o quanto ele acha as pitangas boas, grandes, bonitas.

- (10) I2- ..... Com a, a, a, olha aqui, alguém duvida, por exemplo, eu, já, falando sobre o aspecto de comida de novo... mas alguém duvida da, da qualidade da sardinha brasileira. Alguém duvida? Pois eu, eu jogo o que quiser, pode abri(r) quantas latas de sardinha estrangeiras quiser... pode abrir quantas latas de sardinhas nacionais quiser das diversas marcas, eu garanto que não fica devendo nada, pra nenhuma sardinha portuguesa, francesa, italiana ou seja lá o que for ou espanhola... é de **ALTA** qualidade a nossa sardinha... entretanto...

- I1- O Gomes da Costa!
- I2- Entretanto o Gomes da Costa, o Coqueiro, e, e aquela outra, como é belga como é...
- I1- Não sei.
- I2- Bom, enfim,
- I1- Sardinhas é contigo!
- I2- São **SEN-SA-CIO-NAIS**, entretanto, muita gente acha que o produto estrangeiro... e se o que se importa de sardinha neste país é uma loucura
- (NURC/POA D2 291 l. 1290-1308)

Aqui o falante, defendendo a qualidade do que é nacional de uma maneira geral, dentro do exemplo das sardinhas, pronuncia a palavra “*alta*” num tom muito mais alto que o restante do trecho, dando relevo ao fato de que a qualidade é alta, quer que o ouvinte, perceba, registre, marque bem esse grau de qualidade, que vem confirmado depois pelo altura da voz em “*sen-sa-cio-nais*”, onde se tem também o recorte silábico.

### 3.1.2.2 Alguns aspectos do funcionamento do recurso

Observando os elementos que são enfatizados levantamos a hipótese de que alguns tipos de elementos lingüísticos pareciam ser mais colocados em relevo pela altura da voz do que outros. Assim nos pareceu que “*intensificados*” eram mais enfatizados por esse recurso do que outros tipos de elementos. Observamos também que normalmente o relevo se fazia pelo aumento da altura da voz apenas em parte de uma palavra (sílabas) e levantamos a hipótese de que o relevo pela altura da voz se fazia essencialmente pela elevação da altura da sílaba tônica. Fizemos então algumas quantificações que apresentamos e comentamos a seguir.

QUADRO 1

	D2		DID		EF		TOTAL	
Quantificador	2/73 2,74%	31,51%	13/109 11,93%	34,86%	7/97 7,22%	31,96%	22/279 7,88%	32,97%
Intensificador	13/73 17,81%		18/10 16,51%		9/97 9,28%		40/279 14,34%	
Advérbio	8/73 10,96%		7/109 6,42%		15/97 15,46%		30/279 10,75%	
Verbo	5/73 6,85%	35,62%	14/109 12,85%	52,3%	13/97 13,40%	49,49%	32/279 11,47%	48,02%
Substantivo	5/73 6,85%		20/109 18,35%		26/97 26,81%		51/279 18,28%	
Adjetivo	14/73 19,18%		19/109 17,43%		9/97 9,28%		42/279 15,05%	
Sintagma	2/73 2,74%		4/109 3,67%		3/97 3,09%		9/279 3,22%	
Numeral	3/73 4,11%	15,07%	- -	0,92%	- -	6,19%	3/279 1,08%	7,18%
Pronome	8/73 10,96%		- -		6/97 6,19%		14/279 5,02%	
Artigo	- -		1/109 0,92%		- -		1/279 0,36%	
Interjeição	1/73 1,37%	1,37%	2/109 1,83%	1,83%	- -	-	3/279 1,08%	1,08%
Preposição	10/73 13,69%	16,43%	2/109 1,83%	10,09%	1/97 1,03%	9,27%	13/279 4,66%	11,47%
Conjunção	2/73 2,74%		7/109 6,43%		4/97 4,12%		13/279 4,66%	
Conector (marcador)	- -		2/109 1,83%		2/97 2,06%		4/279 1,43%	
Operador	- -		- -		2/97 2,06%		2/279 0,72%	
TOTAL	73/279 26,16%		109/279 39,07%		97/279 34,77%		279/279 100%	

QUADRO 2

	D2	DID	EF	TOTAL
1) Sílabas				
1.1 - Tônica	44/73 60,27%	62/109 56,88%	43/97 44,33%	149/279 53,41%
1.2 - Tônica e seguintes	2/73 2,74%	3/109 2,75%	- -	5/279 1,79%
1.3 - Átona				
1.3.1 - Tônica do primitivo	1/73 1,37%	- -	4/97 4,12%	5/279 1,79%
1.3.2 - Sílabas inicial ou outra	3/73 4,11%	4/79 3,67%	5/97 5,15%	12/279 4,30%
2) Palavra toda				
2.1 - Monossílabo tônico	15/73 20,55%	21/109 19,27%	21/97 21,65%	57/279 20,43%
2.2 - Dissílabas paroxítonas	1/73 1,37%	12/109 11,01%	14/97 14,43%	27/279 9,68%
2.3 - Trissílabas proparoxítonas	1/73 1,37%	- -	- -	1/279 0,36%
2.4 - Outras	4/73 5,48%	3/109 2,75%	7/97 7,22%	14/279 5,02%
3) Sintagma	2/73 2,74%	4/109 3,67%	3/97 3,09%	14/279 3,22%
TOTAL	73/279 26,16%	109/279 39,07%	97/279 34,77%	279/279 100%

Como se pode ver tivemos 279 ocorrências de relevo pela altura da voz assim distribuídas:

	D2	DID	EF
	SP 360 : 65	SSA 231 : 47	REC 337 : 18
	POA 291 : 8	SP 234 : 62	SP 405 : 79
TOTAL	73	109	97

No D2 tivemos uma quantidade menor porque no inquérito D2-POA 291 os falantes fizeram apenas 08 relevos com a altura da voz. Nas EF as poucas ocorrências em EF-REC 337 foram contrabalançadas pela alta ocorrência em EF-SP 405. O número de inquéritos analisados não permite uma generalização segura, por causa do que parece ser característica idiossincrática dos falantes de alguns inquéritos de fazer mais ou menos relevos, usando a altura da voz, mas de qualquer modo parece haver uma tendência para o equilíbrio entre os três tipos de inquéritos no que diz respeito à quantidade de ocorrências de relevo feito por este recurso.

No que diz respeito à classe do elemento enfatizado encontramos as seguintes classes com pelo menos um (01) elemento em relevo pela altura da voz:

1) quantificadores: pouco(s), tudo, todo(a)(os)(as), tanto(a), muito(as) nada, mais, tão, bem (veja exemplos 13 e 57);

2) intensificadores: demais, muito (v. ex. 21, 23), muitíssimo, mais, bem, tão, meramente (veja exemplos 53, 57);

3) advérbios: sozinha, fora, realmente, dentro, não, nunca, única(mente), lá, hoje, antigamente, sempre, agora, só, basicamente, exatamente, como; (veja exemplos 7, 9, 10, 12, 15, 55, 56);

4) verbos (veja exemplos 5, 6, 7, 53);

5) substantivos (veja exemplos 1, 4, 12, 18, 54, 55, 57);

6) adjetivos (veja exemplos 9, 10, 12, 13, 14, 19a);

7) sintagmas: no texto, pelo texto, para alguns, é a sala de aula, muito importante, eu fiz, preCISA TER IGUAL, TEM AULa, BEM LIMpos)(veja exemplos 6, 11 e 17);

8) numerais: nove, um, dois; (veja exemplos 12b, 55)

9) pronomes: outro, mesmo, meu, tudo, tal, algo, neste, o que, certas, aquilo (veja exemplo 12a);

10) artigo: uma (veja exemplo 13);

11) interjeições: droga!, nossa! (veja exemplo 14);

12) preposições: d(o)(a), para, a(o)(à), n(o)(a)(os) (ele), desde (veja exemplos 15 e 54);

13) conjunções: mas, ou, onde, quando, como (veja exemplo 16 e 17);

14) conector (marcador): agora (veja exemplo 57), aí, bom (veja exemplo 18), bem;

15) operador (argumentativo): também, ainda (veja exemplo 7: também)

(11) L2- .....

..... depois o café:: em casa o café é muito demorado... muito complicado quer dizer então até eles comerem todas as coisas que fazem... parte do café eles demo::ram um briga com o outro a divisão tem que ser **AB**solutamente exata... porque se um tiver mais do que o outro sai um monte de briga na realidade não acabam tomando tudo não comendo que tem

L1- (e eles tem)

L2- mas pre**CISA TER IGUAL**

L1- ( )

[

L2- basta ser igual... pode sobrar tudo mas a divisão tem que ser igual. (NURC/ SP D2 360 l. 311-323)

(12) a-Inf. ....quanto à coleta se eles dependiam... da colheita ... de... frutos... raízes... que eles **NÃO** plantavam... que estava à disposição deles na natu**RE**za... eles também tinham que obedecer o ciclo::... vegetativo... então existe uma época para ter uma maçã outra época para ter laranja outra época para ter banana... existem **CERT**as regiões onde há determinados frutos **OU**tras regiões... com **OU**tros frutos... então eles tinham que acompanhar este movimento também:: e por isso eram nômade e



não se fixavam... a lugar nenhum... então numa vida deste tipo ... a preocupação **PRINCIPAL** está centrada

na sobrevivência.....

..... e que o estilo e que a arte **SEMPRE** vão refletir uma determinada **ma-NEI-ra**... de considerar o mundo e a natureza... ora a maneira do homem pré-histórico era... **BASICAMENTE** eu preciso comer... e eu preciso::... me defender dos animais e eu preciso me esquentar na medida do possível... certo? então a arte pré-histórica só vai poder refletir::... então a arte vai nascer:: em função dessa **NECESSIDADE**... de se manter vivo...

(NURC/SP EF 405 l. 76-115).

b-Inf. .... e finalmente... a terceira perspectiva... a filosófica... ou como nós colocamos... filosofia do direito... o que estuda?... estuda o fenômeno jurídico... a-pro-fundan: do... a partir... dos conhecimentos... científicos... ou da própria dogmática... do direito... esse fenômeno/... então novamente... a filosofia do direito... é nada mais do que... um tipo de estudo... um conhecimento... que aprofunda mais: aqueles outros **DOIS**... seja um conhecimento num é sociológico... ou conhecimento... normativo... lógico-normativo... vamos dizer que o conhecimento... da filosofia do direito num é? sobre o fenômeno jurídico... ele transcende... à pesquisa... isso significa... daí não haver o rigor no estudo... ele vai além: de... ele diz como o comportamento deve ser... independente do que ele é.. como ele deveria ser... vocês realmente estão percebendo gente? tão compreendendo mesmo?

(NURC/REC EF 337 l. 434- 450)

(13) a-Inf. .... quando chegou o balê russo aqui em São Paulo ele pediram que as alunas do do do da Prefeitura que éramos nós... aquele grupo **TODO** fosse fazer cena num num dos números que eles apresentam era *Pássaro de Fogo* me parece... eu achei aquilo horroroso viu? me chocou tremendamente porque... éh por detrás dos bastidores é Uma coisa horrível né?... é tudo tão::... parece tão tão mascarado sei lá e quando aparece em cena o público vê uma coisa totalmente bonita né?... aquelas luzes... quer dizer aquilo me chocou era tão criança eu me lembro

que eu... já achava... diferente o Municipal era **LINDo** maravi-  
**LHO**so visto do lado de cá né?

(NURC/SP DID 234 l. 259-270)

b- Doc. qual é digamos assim o esporte que você:: aconselharia (ao) tipo de crianças conforme... os primeiros anos do curso primário criança do curso secundário

L1- ah bom qualquer tipo de esporte é válido... viu? agora o esporte... que melhor pro organismo... por causa de todos os músculos e (tu/) é a natação... então É difícil nas escola... as criança praticarem nata-ção porque não tem escola com piscina... raras são as escolas que têm piscina ... né?... aqui pelo menos (é o) Instituto Normal... tem piscina quando eu estudei eu já ia às aula agora... acho que só ele porque::... nem os outros não tem

[

Doc. eles não têm condições ( )

L1- não tem piscina... seria A natação o melhor exercício para a crian-ça... ainda mais criança que tem problema respiratórios...

(NURC/SSA DID 231 p. 10)

(14) Doc. se fosse passar um filme para crianças que tipo de filme a senhora acha que deveria ser passado?

Inf. um:: tipo de filme como *O Mágico de Oz* que todo mundo achou **MA**ravilhoso parece que está voltando agora... ah::... que::... qual outro filme que... o público infantil achou e gostou... aquele filme dos cachorrinhos com é o nome?... dos dois cachorrinhos... **NO**ssa criança adorou aquele filme... eu tenho uma memória... sei lá eu acho que filme desenhos animados... é que a criança assiste tanto desenho na televisão né?

(15) a- L2- .....chega a ponto de até às vezes ele é ele:: escrever **PA**ra a faculdade... pedindo... os melho/ ah os nomes dos melhores alunos ... dos últimos anos... para poder eh poder procurar

[

L1- localizar

L2- para poder localizar... porque **RE**almente a dificuldade é grande

(NURC/SP D2 360 l. 941-947)

(16) Inf. .... nesse estágio ele não::... assiste aula... apenas ele faz... o::... a parate corriqueira do ambulatório... ele atende os doentes... medica... é supervisionado sempre por um professor ou por um médico no caso... e::... depois ele vai fazer... o seu::... relatório... dos doentes que ele atendeu quais os diagnósticos tratamento que ele fez por esse relatório então nós fazemos o::... vamos dizer o gabarito do::... do estudante se ele foi bom estudante se ele teve... uma:: uma frequência boa ou se ele foi aceito ou se ele foi um estudante relapso... (agora) **QUAN**do eles são estudante d/... nos primeiros anos que eles não ainda têm contacto com o doente... eles apenas assistem aulas...tanto teórica como prática... alguns fazem pesquisas que gostam... então eles entram mais na área da pesquisa... outros apenas... ficam somente na parte clínica... do tratamento pro doente né?

(NURC/SSA DID 231 p.14)

(17) Inf. pro estudante... ter o seu recreio ter a sua hora de descanso... ahn?... prática de esporte... então nós (precisamos) de ter:: as (pérgulas) com todos os tipos de esportes prá ser praticado... piscina prá natação que é muito importante prá:: saúde.. biblioteca né?... ahn e setor médico também e odontológico que precisa numa escola né?... fora a parte de:: diretoria né? salas de diretores... secretárias né?... vice-diretores... de escola... isso é um setor a parte na escola

[

Doc. (essa parte de...)

Inf. **MAS** o importante **É SALA DE AULA** eu acho que o importante é sala de aula e:: esporte né?

(NURC/SSA DID 231 p. 9)

(18) Doc.é isso o que mais chama atenção por exemplo quando a senhora olha para o filme assim a não ser as cenas e o conteÚ:: do o que mais impressiona a senhora?...

Inf. não sei o que te responder o que mais me impressiona?... ah nem sei... **BOM** eu acho que para mulher o que mais chama atenção são as cenas

lindas os locais que que passam o mais a roupa né?... eu acho que mais é a roupa maquiagem cabelo... as artistas... parecem umas bonecas né? quando trabalham em filme ((risos))... fala

(NURC/SP DID 234 l. 349-357)

Pode-se observar no **quadro 1** que a classe dos intensificadores realmente é uma classe bastante colocada em relevo pela altura da voz sobretudo em D2 (17,81%) e DID (16,51%), com uma média geral de 14,34% só inferior à dos substantivos (18,28%) e à dos adjetivos (15,05%). Portanto a hipótese ao ser testada revelou outros fatos como a observação de que verbos, substantivos, adjetivos apresentam sempre uma porcentagem também significativa de relevo pela altura da voz.

Isoladamente as quinze classes encontradas não permitiram a percepção de nenhum princípio interessante no que diz respeito ao relevo feito pela altura da voz, exceto o fato de que o número de substantivos em relevo nas EFs é significativamente alto e se lembrarmos que isto pode ser explicado pelo fato de os inquiridos serem dissertações tipo aula em que são importantes os conceitos ativados por esta classe e a explicação dos mesmos. Por outro lado observa-se o quanto os adjetivos foram enfatizados nos D2, o que parece interessante sobretudo se observarmos que a maioria desses adjetivos têm um uso avaliativo e não descritivo (bárbara, boa, incrível, sensacional, importantíssimo, ótima, horroroso, maravilhoso, medonho, bom, tremenda) e nesse caso o relevo chamaria a atenção para a avaliação do produtor do texto ou o relevo serve para intensificar certos atributos das entidades (enorme, aconchegante, lindo, cansada, grande, inteiro, exótico). O mesmo pode ser observado nos DIDs e EFs. Chama também a atenção a porcentagem bastante alta de preposições em relevo pela altura da voz nos D2 (13,69%). Não pudemos levantar nenhuma hipótese comprovável sobre a razão desse número: podemos ter como explicações possíveis ou uma idiosincrasia dos falantes ou talvez o fato de a preposição ser a cabeça de sintagmas preposicionais, considerando que os elementos iniciais de sintagmas tenderiam a ser colocados em relevo. Todavia permanece o fato de que o mesmo não acontece nos DIDs e nas EFs.

Todavia, se fizermos alguns agrupamentos, levando em conta certas afinidades, pode-se tirar algumas conclusões interessantes. Assim, se reunirmos num grupo substantivos, adjetivos, verbos e sintagmas, considerando este grupo como o dos ativadores de conceitos e modelos cognitivos globais (frames, esquemas, planos, scripts) observamos que, no conjunto, estes respondem por 48,02% das ocorrências de relevo pela altura da voz, o que nos permite dizer

que dada a importância de tais conceitos e modelos cognitivos o produtor do texto falado dá relevo sobretudo a estes para marcar bem a estrutura ideacional desejada. Um segundo grupo reúne os quantificadores, intensificadores e advérbios que têm natureza aproximada tanto que a distinção entre quantificadores e intensificadores nem sempre é fácil e se faz mais pelo fato de se aplicarem a entidades contáveis ou a atributos graduáveis. Por outro lado os intensificadores têm tradicionalmente sido encarados como advérbios de intensidade. Observa-se que esse grupo responde por 32,97% das ocorrências de relevo pela altura da voz. Talvez sua elevada taxa de relevo pela altura da voz possa ser explicada pelo fato de eles serem responsáveis pela apresentação da maneira como o produtor do texto quer que seu interlocutor considere os conceitos e modelos cognitivos ativados pelos elementos do primeiro grupo. Isto, sem dúvida, tem uma dimensão interacional. O terceiro grupo é o que congrega preposições, conjunções, conectores (marcadores) e operadores argumentativos que são responsáveis em conjunto pela coesão sequencial por conexão (cf. Koch, 1989), marcando relações entre elementos e partes do texto, o que significa que, quando estes elementos são colocados em relevo pelo produtor do texto, este está pretendendo marcar tais relações como importantes ou merecedoras de atenção especial dentro da estrutura ideacional que ele pretende para o seu texto. Este terceiro grupo é responsável por 11,47% das ocorrências de relevo pela altura da voz, o que significa que estes três grupos em conjunto representam 92,46% do relevo pela altura da voz. O grupo dos determinantes (numeral, pronome e artigo) com destaque para os pronomes (5,02%) é responsável por 7,18% dos relevos pela altura da voz. Constituímos este grupo como o dos determinantes porque os numerais e pronomes que foram colocados em relevo estavam todos acompanhando substantivos. As interjeições foram responsáveis por apenas 1,08% e os três casos que ocorreram tinham motivações emocionais como era de esperar.

O **quadro 2** contém as quantificações relativas à extensão do segmento em que a altura da voz era elevada: uma sílaba, mais de uma sílaba, palavra inteira, sintagma. Como a tonicidade parecia ter um papel importante este foi também um parâmetro que utilizamos no estabelecimento das variáveis e o levantamento feito nos levou ao que está registrado no quadro 2.

Como se pode observar a sílaba tônica realmente tem importância capital no estabelecimento do relevo pela altura da voz. Observa-se que no geral 53,41% das ocorrências de relevo pela altura da voz acontece na sílaba tônica. Se juntarmos aí os monossílabos tônicos teremos 73,84% dos relevos pela altura da voz na sílaba tônica, o que parece confirmar a hipótese levantada.

Creemos que não há problema em juntar os monossílabos tônicos porque, na verdade, embora seja a palavra toda que está em relevo é sua única sílaba, que é tônica, que foi usada para o relevo e neste caso parece não haver nenhuma razão para não juntar os dois casos como ocorrências do mesmo fato. O segundo caso ligado à questão da tônica é do relevo feito na sílaba tônica e nas que lhe são posteriores (1,79%) (casos como: muiTÍSSIMO-2, liDERA, perDIDA, antigaMENTE). Neste caso pode-se incluir o relevo na palavra toda quando temos dissílabas paroxítonas (9,68%) (casos como: ALTA,.....) e trissílabas proparoxítonas (0,36%) (a única ocorrência foi ÚNICA). Teríamos então 11,83% de ocorrências em que o relevo não é exclusivamente na sílaba tônica mas está relacionado com ela. Isto perfaria um total de 84,83% de casos em que o relevo pela altura da voz é feito na sílaba tônica ou parece depender dela. Depois disso teríamos dois grupos de ocorrência:

1) o grupo do relevo feito pela altura da voz na sílaba átona com um total de 6,09% das ocorrências e que se subdivide em dois subgrupos:

a) o das palavras derivadas em que o relevo pela altura da voz foi feito na sílaba que era a tônica do primitivo (1,79%) (casos como: imporTANússimo, eXAtamente, BAsicamente);

b) o grupo das palavras em que o relevo pela altura da voz foi feito na sílaba inicial ou outra qualquer não tônica (4,30%) (casos como: REalmente, PROMotora, MARavilha, MARavilhoso(as), QUALidade, NEcessidade, PRINcipal). Como se pode ver só ocorreram casos com a sílaba inicial;

2) o grupo do relevo feito pela altura da voz na palavra toda e no sintagma (8,24% das ocorrências) e que não pode ser explicado pela tônica e seguintes e que também se divide em dois subgrupos:

a) o grupo em que o relevo foi feito na palavra toda inclusive em sílabas átonas anteriores à tônica (5,02%) (casos como: SOZINHA, SENSACIONAL, EXÓTICO, PRECISA TER, ROTINA, BANGUE BANGUE, MERA-MENTE, AFIRMO, EXISTE, CLASSIFICAÇÕES, TAMBÉM CRIAR);

b) o grupo dos sintagmas (3,22%) (casos como: É SALA DE AULA, MUTTO IMPORTANTE, EU FIZ, NO TEXTO, PELO TEXTO, PARA ALGUNS, preCISA TER IGUAL, TEM AULA);

No subgrupo 1a parece ser natural tal ocorrência, pois se estaria dando relevo à base que contém o lexema/semantema fundamental para a estrutura ideacional e não ao sufixo que contém a tônica. Todavia seria preciso explicar casos em que o relevo se dá no sufixo que no entanto parecem ser muito raros. No subgrupo 1b, com o relevo pela altura na sílaba átona inicial, parece que se explica pelo fato de o produtor querer marcar logo de saída a importância do elemento em questão. Mas resta explicar por que isto acontece em alguns casos que não são tão poucos já que no corpus analisado representaram 4,30% das ocorrências.

Os casos do subgrupo 2 parecem se explicar por uma necessidade maior de relevo, ou seja, quando o relevo é feito na palavra toda ou num sintagma, temos um grau mais alto de relevo, pois é este o efeito que se observa em comparação com aqueles casos em que apenas uma sílaba ou parte da palavra é posta em relevo pela altura da voz. Isto valeria também para o caso das palavras inteiras em relevo e que incluímos na influência da tônica por serem dissílabas paroxítonas ou trissílabas proparoxítonas e o relevo se faria após a tônica. Considerando que haveria um grau maior de relevo nas palavras que só tiveram relevo na sílaba tônica e seguintes, pode-se propor uma gradação crescente de relevo na seguinte ordem:

relevo na sílaba tônica > relevo na sílaba tônica e seguintes > relevo na palavra toda ou no sintagma.

Isto significa que o relevo feito na palavra toda ou no sintagma é mais forte que aquele feito apenas na sílaba tônica ou na tônica e seguintes.

### 3.1.3 Recorte silábico ou silabação

O recorte silábico é representado pela pronúncia das palavras separando-se suas sílabas ou algumas delas. A separação das sílabas leva também ao aparecimento de um ritmo diferenciado de fala (mais lento) que contribui para a proeminência que o falante atribui a determinado elemento. Geralmente essa forma de relevo tem uma motivação ideacional/cognitiva, sendo usada para destacar elemento importante para o falante dentro do conteúdo em questão, normalmente visto como importante para a compreensão do que se diz, ou para ressaltar que é o que se diz e não outra coisa qualquer.

Temos esse recurso de relevo nos exemplos (4), (9) e (10). Em (4) o termo “*or-de-na-do*” aparece com recorte silábico porque a professora acha fundamental esta idéia para que se entenda e perceba que as três abordagens do direito que ela está discutindo com os alunos são científicas, têm caráter científico. Em (9) e (10) o falante além de aumentar a altura da voz faz o recorte silábico do termo “*sen-sa-cio-nal*” em (9) para marcar bem o caráter excepcional das frutas de que fala e em (10) para destacar a qualidade da sardinha nacional que ele está defendendo e é importante para elê. O falante ainda usa o mesmo recurso em duas outras passagens como se pode ver nos exemplos de (19). Em (19a) com o mesmo fim de (9): ressaltar a qualidade de algo (no caso do restaurante de que ele está falando) e em (19b) para ressaltar que é aquilo mesmo que o interlocutor ouviu e não outra coisa.

(19) a- I2- ..... ali na, na, na subida da da, da, na Doutor Timóteo, tu conhece(s) ali, o Bruno? O Bruno é **SEN-sa-cio-nal**, o Bruno faz um rim que é assim demais é,.....

(NURC/POA D2 291 l. 375-377)

b- I2- Negócio sério. É, eu, eu, eu, eu tive assim uma, algumas coisas, exóticas, macaco, uma ocasião.

I1- Como é macaco?!

I2- **Ma-ca-co**, na Amazônia tem um tipo de macaco lá que se prepara e aí, eu confesso, toda serenidade, provei e achei bom, não é ruim não ((risos))

(NURC/POA D2 291 l. 250-255)

### 3.1.4 Velocidade da fala (ou ritmo)

A fala tem um ritmo normal, que embora tenha uma média esperada pode variar dentro de um certo padrão de falante para falante. Se o falante foge ao seu ritmo normal de fala, acelerando-o ou tornando-o mais lento, pode chamar a atenção para determinados elementos do texto. Como já vimos, quando há o recorte silábico há um ritmo especial da fala que contribui para a proeminência que temos ali. A proeminência marcada por este recurso parece ter, muito freqüentemente, uma motivação emocional, com preferências do falante ou sua perspectiva emocional sobre algo.



Este recurso aparece no exemplo (3) onde o produtor do texto falando bem lento ajuda a destacar o quanto ele vê como errado a compra de remédio sem receita médica.

Nos exemplos com recorte silábico (4, 9, 10 e 19) vimos que o ritmo mais lento sempre contribui para a proeminência que se estabelece. Em (19a) o ritmo é bem mais lento corroborando a proeminência dado ao caráter de especial do restaurante de que ele está falando, à boa qualidade deste.

Esse recurso de um ritmo mais lento de fala é muito usado pela falante do DID 328 NURC/RJ, como se pode ver nos exemplos de (1) e (20) a (22).

Em (1) o ritmo mais lento se concentra no termo “sensivelmente” e há quase um recorte silábico, porque para a falante é importante o quanto sobe sua taxa de gordura: daí o destaque a “sensivelmente” que aqui indica esse quanto.

(20) Doc.- ele é feito de que... você sabe?

[

Loc.- o acarajé? eu acho que de feijão... não é? **feijão**... eles fazem bolinho de **feijão** e aí depois fazem vários molhos... você pode escolher...

(NURC/RJ DID 328 l. 177-182)

Em (20) os termos em negrito foram falados num ritmo bem lento, dando a impressão que a palavra se alonga e parece que o tom é ligeiramente mais alto. A motivação aqui é informacional: a falante dá destaque à informação nova que foi solicitada na pergunta.

(21) Loc.- ..... Recife nós comemos coisas assim **muito** gostosas ... também **muito** ligada a peixe... eles também... eles comem muita coisa... a lagosta de lá é uma delícia a lagosta de Recife...

(NURC/RJ DID 328 l. 192-195)

Em (21) o ritmo lento se acentua nos termos em negrito que parecem se alongar e ter um tom ligeiramente mais alto. Na primeira ocorrência a falante quer destacar o quão gostosas as comidas são em Recife e na segunda ocorrência, o quanto se usa peixe nas comidas de lá. Talvez ela dê este relevo ao quanto se usa peixe porque isto contrasta com sua preferência que é por carne

e que já fora bastante marcada anteriormente: então chamou sua atenção o usar-se muito peixe em Recife e no Nordeste em geral.

(22) Doc.- mas vocês comem sempre carne de boi?

Loc.- ah... é... não... não... a titia... aqui a gente varia... a gente come carne de boi... pode comer... a gente come galinha também... come **peixe**... ela procura fazer um... uma coisa assim de cada... eh... em cada dia da semana a gente procura variar... mas a base mesmo é a carne...

(NURC/RJ DID 328 I.448-453)

No termo “*peixe*” a falante usa um ritmo mais lento fazendo como que um alongamento, criando uma proeminência para contrastar com a colocação da documentadora em sua pergunta.

### 3.1.5 Outros recursos fônicos

Além dos recursos já comentados encontramos nos inquéritos analisados dois outros recursos fônicos para estabelecer relevo de elementos do texto.

O primeiro foi o **alongamento** como se pode observar no exemplo (23), onde o falante alonga bastante a vogal [u] da palavra “*muito*” para ressaltar o quão bem feito era o coelho que comeu. Marcuschi (1995: 4), tratando das hesitações, também observou essa função dos alongamentos dizendo “... *nem todo alongamento da vogal é uma hesitação. Há alongamentos que funcionam como coesão rítmica, freqüentes sobretudo na formação de listas. Outros alongamentos operam como ênfase.*”

(23) I2- ..... Como é o nome daquele ali em cima do Floresta Negra, acima, ah, tu entras na Galeria, Floresta Negra fica aqui à esquerda tu tens uma escada, tem um restaurante ali em cima, eu comi ali foi um coelho, uma ocasião, **mu:::ito** bem feito, **mu:ito** bem feito...

(NURC/POA D2 291 I. 361-365)

O segundo recurso tem uma natureza onomatopaica imitando uma música de fundo que marcaria algo como importante, como num filme. Trata-se da seqüência “*tcham tcham tcham*” no exemplo (24) que é comum na fala,

quando as pessoas vão introduzir algo que consideram importante dentro da situação para si ou para o ouvinte. Parece ter uma motivação sobretudo emocional<sup>10</sup>.

- (24) ..... não tem po:vo que não ten:da a se organizar... e o direi:to... aí vem assim né? como diria Jo João... **tcham tcham tcham** num é? para o direito... ((intervenção de locutor accidental)) meu Deus! e o dire... eu ... eu esqueci... e o direito num é? ((risos)) nada mais é: num é? que esta organização mesma... então o direito nada mais é é a fra:se... que eu saliento dessa... desse trecho de Duckheim da citação de DÜckheim... “e o direito nada mais é do que essa organização”

(NURC/EF REC 337 l. 685-693)

### 3.2 Recursos léxicos

#### 3.2.1 Uso de itens lexicais

Muitos itens lexicais apresentam traços em seu significado ou têm papéis (funções) dentro do texto que permitem utilizá-los para fazer relevo de elementos de um dado texto. Estão neste caso verbos como “insistir”, “sublinhar”, “destacar”, “importar”, “notar”, “destacar(-se)”, “salientar”, etc. e operadores argumentativos como “mesmo” e “até”.

Nos exemplos (8) e (27) vemos que o uso de “*mesmo*” reforça o relevo já dado pela altura da voz e também pela repetição (em 8) e pelo expletivo (em 27). “No exemplo (24) (cf. o trecho repetido abaixo) a palavra “*saliento*” dá destaque a uma parte da citação que a falante julga importante no desenvolvimento do seu argumento.

- (24) “então o direito nada mais é é a fra:se... que eu **saliento** dessa... desse trecho de Duckheim da citação de DÜckheim... “e o direito nada mais é do que essa organização”

(NURC/EF REC 337 l. 690-693)

No exemplo (25) abaixo é interessante observar que o falante dá um destaque especial à sua preferência por comer usando a expressão “*em primeiro lugar*”. Ele dá uma proeminência ao ato de comer, quando está falando do prazer que tem nisso ao responder à pergunta da documentadora sobre o que seria comer bem.

(25) I2- Opa, melhor ainda. O comer, sempre quando eu falo em comer, por exemplo, é um negócio que, que me atinge diretamente, porque **em primeiro lugar**, eu gosto de come(r), e mais do que isso eu gosto de prepara(r), tenho prazer de faze(r) determinados pratos, gosto, me sinto bem, talvez um hobby, né?

(NURC/POA D2 291 1.95-99)

O exemplo (26) é uma fala em que, no contexto de uma discussão sobre o que é estar bem vestido (em que o falante vinha argumentando que isto depende da ocasião e das regras e exigências sociais), usando o verbo “*notar*” o falante chama a atenção do interlocutor para um exemplo que comprovaria sua colocação de que não adianta exigir uso de terno e gravata se a pessoa (por exemplo, um gerente de banco) fica com o colarinho aberto e a gravata afrouxada. Neste caso também não se estaria vestido adequadamente.

(26) I2- Agora, podem ve(r) **notem isso**, eu pelo menos não vi, se vir, será esse verão, agora, a partir de dezembro, não demora começa o verão, nós (es)tamos vivendo o problema já do calor, mas certamente, o gerente de banco, por estrutura da própria.

I1- Depois é um dogma, e era obrigado.

[

I2- Da direção do banco.

Em exemplos como os de (24) e (27), pode-se considerar que temos o uso de parênteses para fazer o relevo (cf. item 3.4.2). Todavia o relevo dado pelos parênteses se deve particularmente ao valor semântico dos itens lexicais aqui destacados.

### 3.2.2 O uso de expletivos

#### 3.2.2.1 Ser<sup>11</sup>.....que, ser<sup>11</sup> que

Temos aqui um recurso de clivagem e ficamos em dúvida sobre elencá-lo entre os recursos lexicais ou entre os recursos sintáticos.

Em (27) temos “*é que*” dando proeminência ao tipo de biscoito que a falante come preferencialmente no café da manhã. Aqui o relevo vem ratificado pelo uso de “*mesmo*”. Em (28) “*foi que*” dá destaque ao elemento da per-

gunta que representará a informação nova que o falante solicita do ouvinte. Esse uso de expletivo na interrogativa é comum na língua falada em que os falantes usam sobretudo o “**que**” sozinho ou “**é que**” em seqüências como as de (29). Não encontramos muitas ocorrências deste recurso no corpus (cf. 29 e,f), embora este tipo de ocorrência seja freqüente no Português falado. Pode-se propor a hipótese de que, talvez, este tipo de recurso seja mais típico de uma variedade não culta do Português. Em (30) “*era...que*” dá relevo a “*ela*”, a avó que era o centro da narrativa.

- (27) ..... às vezes como biscoito... geralmente biscoito... assim... esses biscoito tipo integral... **é que** eu como mais **mesmo** de manhã... de manhã...

(NURC/RJ DID 328 l. 299-301)

- (28) outra pergunta foi a seguinte... existe diferença ... entre... ciência do normativo e... uma ciência normativa?.....  
..... expliquem com suas próprias palavras o que **foi que** vocês encontraram? existe diferença? **HÁ** diferença? ou não? ... talvez seja a pergunta mais difícil de todo o capítulo...

(NURC/REC EF 337 l. 470-487)

- (29) a- (O) **Que que** você quer de presente?

b- Quem (**foi que**) trouxe estas flores?

c- Onde (**é que**) vai ser a festa?

d- Quanto (**é que**) custa este CD (compact disc)?

- e- Doc. agora... por exemplo assim nas escolas onde há:... éh:... uma parte assim artística com a (aula) de cultura qual **que** seria o material? ... que levaria ahn?

(NURC/SSA DID 231 p. 12)

- f- Inf.- ..... para mostrar: que... não é propriamente uma ciência que se chama ciência normativa... o que **é que** vocês diriam sobre isso? quem encontrou: uma resposta... que encontre como satisfatória... para os demais...

(NURC/REC EF 337 l. 474-478).

- (30) .....ela então veio com a notícia que aquele Ketchup que estava sendo servido **era** ela **que** tinha feito.....

(NURC/POA D2 291 l. 214-216)

### 3.2.2.2 Uso de verbos gramaticais de relevo<sup>12</sup>

Alguns verbos dentro do funcionamento textual têm a função (nem sempre exclusiva) de dar proeminência a elementos do texto. O verbo “**ser**” quando funciona como expletivo tem essencialmente esta função (cf. exemplo 23 – trecho reproduzido abaixo e exemplo 31). Outros verbos funcionam também como verbos de relevo, mas esta não parece ser sua função exclusiva (cf. o item 3.4.5).

(31) .....no sul eu me... eu me prendi mais **foi** justamente às frutas... né?  
(NURC/RJ DID 328 l. 291-292)

(23) I2- ..... Como é o nome daquele ali em cima do Floresta Negra, acima, ah, tu entras na Galeria, Floresta Negra fica aqui à esquerda tu tens uma escada, tem um restaurante ali em cima, eu comi ali **foi** um coelho, uma ocasião, mu:::ito bem feito, mu:ito bem feito...

(NURC/POA D2 291 l. 361-365)

Aqui também se pode pensar, pelo menos para alguns exemplos, em uma falsa clivagem e levantar o mesmo tipo de questão posta em 3.2.2.1, mas mesmo que consideremos como um recurso sintático o relevo é feito pelo uso de elementos lexicais, tanto no caso anterior como aqui.

### 3.2.2.3 Outros expletivos

Alguns recursos expletivos usados no escrito poderiam aparecer também na língua falada. Estariam neste caso, por exemplo, a partícula de realce “**se**” e alguns casos de objeto direto preposicionado em que a preposição seria um recurso expletivo, como por exemplo os que temos em seqüências como “João pegou **do chicote**, para castigar o filho” e “Ele ama **às artes** mais do que os filhos”. No corpus analisado não encontramos exemplos que confirmem esta hipótese.

## 3.3 Recursos morfológicos/categoriais

### 3.3.1 Aspecto

O aspecto atua sobretudo no estabelecimento do relevo do tipo **fundo e figura** e, pelo que pudemos verificar no corpus analisado, isto acontece em

textos narrativos. Neste caso os trechos com aspecto perfectivo aparecem em primeiro plano como figura e os trechos com aspecto imperfectivo aparecem em segundo plano como fundo, constituindo um quadro em que a ação característica da narrativa se desenvolve. Assim, considerando a superestrutura dos textos narrativos, os trechos de fundo aparecem essencialmente nas partes chamadas de orientação (normalmente onde se descrevem principalmente cenários e participantes da ação ou se monta um quadro de acontecimentos com o qual a ação da narrativa coincide temporalmente) e avaliação (onde normalmente o falante registra suas impressões sobre a ação avaliando-a ou justificando em textos de natureza quase sempre dissertativa). Esta constatação faz ver que neste particular o falado não se diferencia do escrito (cf. o que diz Travaglia, 1991). Vejamos alguns exemplos.

Legenda a ser considerada nos exemplos (32) a (34):

itálico – fundo (orientação)

sublinhado – fundo (avaliação)

negrito – figura

[ – início do trecho a ser considerado.

letra normal – trechos de fala, marcadores e outros.

- (32) I1- Olha eu me limito a faze(r) um bom, bom! Um churrasco (superposição) churrasco. Mas eu posso fala(r) da, da experiência engraçado, tem pessoas que tem um, um, um, em termos gastronômicos um, um, uma, um talento uma habilidade, impressionante, [ *a minha avó era assim, ela qualque(r) prato, podia se(r) o mais complexo, de gosto mais estranho ou exótico possível, ela detectava tempero por tempero e depois reproduzia fazia eu sei que, ãh, quando chegô, praticamente os primeiros vidros de Ketchup que chegaram dos Estados Unidos era material importado, meu tio trouxe pra casa a prova daquilo, isso em mil novecentos e vinte ou qualque(r) coisa assim e a velhinha (ininteligível) todo mundo elogiou o vidrinho tal e coisa, ela ficou quieta, no dia seguinte, o Ketchup estava na mesa, hum, também provou, etecétera, etecétera e ela então veio com a notícia que aquele Ketchup que estava sendo servido era ela que tinha feito, o outro, ela tirou, botou o dela e serviu. Aí o pessoal, não é possível, foram provar era o mesmo.*

I2- Sensacional, né?

I1- Impressionante.é... ela fazia isso, ela tinha, pegava o negócio assim, mas analisava o negócio inteirinho, sabe que é uma coisa assim muito rara. É incrível! Eu digo talvez os temperos não fossem os mesmos, mas ela conseguia, ia provando, ia botando mais um pouquinho e pá, e encontrava, o mesmo gosto e a mesma aparência, isso também.

(NURC/POA D2 291 l. 201-224)

(33) I2- ..... Ontem, eu não me lembro, eu acho, não [ *ontem eu estava esporte, ontem eu estava de camisa, manga de camisa, hoje tinha uma série de, de compromissos, achei na obrigação de coloca(r) calça e... como é? casaco e, paletó enfim, terno, terno.....*

(NURC/POA D2 291 l. 895-899)

(34) L- *Ma(s) num tinha um qui chegava i para... Intão, a genti tava paradu im frenti à casa da Fátima i eli subiu, mais eu... sabi qui eu tava... assim convandu c'u Bona i eu nem prestei atenção purqui eu tava tão cansada... Tava meia ainda... porque imagini! Uma noiti di sonu prá quem dormi novi horas pur dia, dez horas... já viu, né?*

(NURC/SP DID 59 p. 4).

Nos exemplos (35) e (36) do item 3.3.2 a seguir também se pode observar este contraste entre fundo e figura, aqui antecipamos os exemplos marcando os trechos de fundo e figura de acordo com a legenda acima.

(35) L- *"... i cumu eu vô sempri na casa da Teresa, eu peçu carona prá eli, porque é na rua deli mesmu, né. Intão, eli desci, mi de(i)xa lá, né. Depois eu voltei da casa... Eu sempri veju eli depois... eli vem... sei lá... intão, cumu eli num tava passan(d)u, né, eu peguei i fui...fui à pé mesmu. I quan(d)u tô passan(d)u im frenti à casa deli, eli tá lá cum duas minina"*

(NURC/SP DID 059 – grav. secr. p.2)

(36) L- *... i u Vanderlei adora fazê aqueli balãozinho na toda, né? Eli sempri passava pu ali. Intão, eu já fiquei meu assim, né... que eu lembrei i... sempri... eli adora... pu(r)que num tem uma vez achu qui eli num sai na rua, qui eli num vai fazê aqueli balão lá...*



E- Sei.

L- ... *eli adora... na hora qui eli... i a genti tá descendu i eli tá subindu.*

E- Ham!

L- **Cu'a minina!**

E- Cum ela!?

(NURC/SP DID 059 – grav. secr. p.5)

### 3.3.2 Tempo

Encontramos basicamente dois casos em que o tempo atua no estabelecimento de relevo.

No primeiro caso temos o presente do indicativo alternando com o pretérito perfeito para marcar relevo emocional em narrativas no passado. Este é um caso em que o relevo é de natureza inteiramente emocional, pois o falante destaca aquele(s) acontecimento(s) dentro da seqüência de acontecimentos da narrativa que o marcou (marcaram) emocionalmente por qualquer razão. Em (35) e (36) a falante coloca no presente momentos em que ela flagra o namorado com outra dentro da narrativa em que ela vinha contando à interlocutora o problema que houve entre ela e o namorado: este é sem dúvida o momento mais emocionalmente dramático para a falante. Em (37) a mesma falante enfatiza emocionalmente a chegada da amiga com quem ela sai, o que resulta no encontro com o namorado após o desentendimento, o que, sem dúvida, tem para ela uma carga emocional especial.

(35) trecho inserido numa narração em pret. perf. do ind. Relata o momento em que a falante flagrou o namorado com outras moças.

L- "... i cumu eu vô sempri na casa da Teresa, eu peçu carona prá eli, porque é na rua deli mesmu, né. Intão, eli descí, mi de(i)xa lá, né. Depois eu voltei da casa... Eu sempri veju eli depois... eli vem... sei lá... intão, cumu eli num tava passan(d)u, né, eu peguei i fui...fui à pé mesmu. I quan(d)u tô passan(d)u im frenti à casa deli, **eli tá lá cum duas minina**"

(NURC/SP DID 059 – grav. secr. p.2)

(36) L- ... i u Vanderlei adora fazê aquele balãozinho na toda, né? Eli sempri passava pu ali. Intão, eu já fiquei meu assim, né... que eu lembrei i...

sempri... eli adora... pu(rque) num tem uma vez achu qui eli num sai na rua, qui eli num vai fazê aquela balão lá...

E- Sei.

L- ... eli adora... **na hora qui eli... i a genti tá descendu i eli tá subindu.**

E- Ham!

L- **Cu'a minina!**

E- Cum ela!?

(NURC/SP DID 059 – grav. secr. p.5)

(37) L- .....Falô qui tinha idu prá floricultura né. Falei assim é: “Floricultura, hein! Velhu truqui, hein, essa floricultura né”mais... ma(s) prá mim a... sei lá... era seti i meia, né?

E- Ham.

L- Aí, daqui a poucu... **chega** a Beti... i eu descí pru Pirituba. Qué dizê que eu num... num sabia mais, né?

E- Sei

L- ... i, aí eu descí né, fiquei lá conversan(d)u...

(NURC/SP DID 059 – grav. secr. p.5)

No segundo caso, temos um relevo do tipo 3, especificado no item 2: indicação de **relevância pragmática de uma situação, de algo no texto** (acontecimento, estado, comentário) **para a situação presente** (o aqui e o agora) ou **para um ponto de referência**. Encontramos em estudo anterior com textos escritos (cf. Travaglia, 1991) que este tipo de relevo no Português é marcado por formas perifrásticas que seriam basicamente:

a) **ter** (presente do indicativo) + **infinitivo**. Esta perífrase, sendo a forma de expressão do tempo “passado até o presente”, marca a relevância pragmática de uma situação para o presente (cf. exemplo 38);

b) **vir** + **gerúndio**. Com o verbo “vir” no presente do indicativo esta perífrase marca a relevância pragmática de uma situação para o presente (cf. exemplo 39a) e com o verbo em formas de passado marca este mesmo tipo de relevância para um ponto de referência, especificado no texto (cf. exemplo 39b);

c) **ir + gerúndio**. Esta perífrase indica sempre a relevância pragmática de uma situação para um ponto de referência. Com o verbo “ir” em formas de passado a relevância para um ponto de referência anterior ao momento da fala (passado) (cf. exemplo 40a) e com o verbo “ir” no presente do indicativo ou em formas de futuro, para um ponto de relevância futuro (cf. exemplos 40b,c).

Os exemplos (38) a (40) devem ser considerados como fazendo parte de um texto constituído pela discussão de interlocutores sobre a possibilidade de estabilizar a economia do Brasil. Não encontramos ocorrências no corpus analisado.

- (38) O Presidente tem insistido no fato de que sem a reforma econômica e fiscal não será possível estabilizar a economia.
- (39) a- O Congresso porque não quer, pois o Presidente vem insistindo na necessidade dessas reformas para a estabilização econômica.  
b- O Presidente veio insistindo na necessidade das reformas econômica e fiscal para a estabilização da economia, até que o Congresso se convenceu disso e votou as reformas propostas pelo Executivo.
- (40) a- O Presidente foi insistindo na necessidade das reformas econômica e fiscal para a estabilização da economia, até que o Congresso se convenceu disso e votou as reformas propostas pelo Executivo.  
b- O Presidente vai insistindo na necessidade das reformas econômica e fiscal para a estabilização da economia, até que o Congresso se convenceu disso e vote as reformas propostas pelo Executivo.  
c- O Presidente irá insistindo na necessidade das reformas econômica e fiscal para a estabilização da economia, até que o Congresso se convenceu disso e vote as reformas propostas pelo Executivo.

### 3.4 Recursos sintáticos

#### 3.4.1 Topicalização

A topicalização é um recurso linguístico bastante estudado e por isto não nos estenderemos aqui em sua caracterização. O que importa registrar

neste momento é que, sem dúvida alguma, a topicalização é um recurso usado para dar proeminência a elementos do texto, parecendo ser esta sua motivação textual fundamental. A seguir alguns exemplos.

(19b) I2- Negócio sério. É, eu, eu, eu, eu tive assim uma, algumas coisas, exóticas, macaco, uma ocasião.

I1- Como é macaco?!

I2- **Ma-ca-co**, na Amazônia tem um tipo de macaco lá que se prepara e aí, eu confesso, toda serenidade, provei e achei bom, não é ruim não ((risos)) .....

(NURC/POA D2 291 l. 250-255)

(25) I2- Opa, melhor ainda. **O comer**, sempre quando eu falo em comer, por exemplo, é um negócio que, que me atinge diretamente, por que em primeiro lugar, eu gosto de come(r), e mais do que isso eu gosto de prepara(r), tenho prazer de faze(r) determinados pratos, gosto, me sinto bem, talvez um hoby (óbi), né?

(NURC/POA D2 291 l. 95-99)

(41) ..... mas a base mesmo é a carne... porque eu acho que sai mais barato... **peixe** por exemplo... se você compra... a gente compra só em dia de feira... porque é o peixe mais fresco... o peixe na peixaria geralmente é muito caro e na feira é mais fresquinho e é mais em conta... sabe?

(NURC/RJ DID 328 l. 454-457)

(42) I2- Não, tu vê, por exemplo, **o peixe, peixe** aqui no Rio Grande eu tenho impressão que se come peixe, exclusivamente na Semana Santa, porque é um, é um dogma, o padre mandou, seja lá o que for né? (ruído de microfone) na Semana Santa, mas não é hábito gaúcho come(r), come(r) peixe. No norte, por exemplo, é o, o contrário, nós aqui, eu acho que a gente fica mais vinculado ao aspecto da carne, por exemplo, **a minha mulher**, a minha mulher é uma pe/, é uma criatura que vive mais na carne, (es)tá, gosta da carne, eu tenho um cunhado meu, irmão dela.

(NURC/POA D2 291 l. 25-29)

### 3.4.2 Uso de parênteses

Com frequência o falante usa certas frases que dão proeminência a determinados elementos, quase sempre a passagens do texto, que acabaram de ser ditas ou que serão ditas a seguir, mas às vezes também que estão sendo ditas como no exemplo (44). Estas frases quase sempre funcionam como parênteses (Cf. Jubran, 1995) e normalmente têm formas tais como: “atenção aqui”, “notem agora”, “prestem atenção em....”, “quero que vocês prestem atenção em....”, “aqui vocês devem prestar atenção”, “não esqueçam (isso, o que acabamos de dizer, este conceito, etc.).....”, “isto é importante/fundamental/essencial/central para que estamos demonstrando (querendo provar, explicando, etc.)”. Estas frases parentéticas têm sempre em seu significado traços comuns de chamar a atenção para algo ou de marcar sua importância para o tópico/subtópico em desenvolvimento. Interessante notar que os dois exemplos que encontramos (cf. 43 e 44 abaixo) estavam em uma EF (Elocução Formal).

- (43) ..... porque eu encontrei... uma definição... não é? lendo agora um trabalho bem recente... uma definição... na qual... mostra realmente/ não está no livro porque é recentíssima é uma é uma definição... não é? ligando as três perspectivas... de um artigo de mil novecentos e oitenta e seis... então atenua um pouco... a hostilidade de que existe entre a tre três perspectivas... que é a seguinte... eu vou lê João depois... falamos... talvez até coloque para vocês... **isso é uma maneira também de pedir... que prestem atenção... não é?** esse... trechinho ou essa citação... de um artigo... diz assim aspas mesmo podem colocar... não quer dizer não escrevam não eu digo colocar nas cabeças de vocês... ou à medida que vão usu que vão ouvindo.....

(NURC/REC EF 337 l. 277-290)

- (44) ..... existe análise também... eu diria que existe até mes:mo... um olhar assim um tanto voltado à realidade... mas... fazer uma análise... um estudo sistemático... somente... aí é que está a diferença... somente... **vamos grifar...** somente levando em consideração a realidade social... em adequação.. à lei por exemplo... ao direito... vigente...

(NURC/REC EF 337 l. 358-364)

### 3.4.3 Repetição

A repetição tem inúmeros papéis e funções na constituição de um texto<sup>13</sup>. Um deles é fazer relevo dando proeminência a determinados elementos do texto. Evidentemente nem toda repetição marca relevo. Não se trata aqui de intensidade, mas a repetição para intensificar seria uma espécie, uma forma de proeminência como a repetição de “*fininho*” por I2, no exemplo (45), em que o falante I1 repete o termo “*polvo*” para destacar algo que lembrou. No exemplo (11) a repetição de “*igual*” com diferentes modalizações (precisa ter igual, basta ser igual, tem que ser igual) dá relevo, marcando a importância da igualdade na distribuição das coisas no café da manhã para as duas crianças, reforçando o relevo com a mesma função que já tinha sido feito pela altura da voz na primeira ocorrência (preCISA TER IGUAL). No exemplo (8) a repetição do termo “*exótico*” ajuda a marcar o relevo que o falante dá ao exotismo da sopa de olhos de peixe. No exemplo (23) a repetição de “*muito bem feito*” em conjunto com o alongamento e a velocidade dá relevo ao quanto o falante considera o prato bem feito. Veja também os exemplos (46 a,b). Pareceu-nos que a entonação é importante na identificação de repetições com a função de atribuir proeminência. Veja também as repetições de “precisa” em (47).

(45) I1- A comida japonesa, basicamente é peixes crus

I2- Quando comem peixe, comem cru.

I1- É

I2- E bem fininho.

I1- **Polvo, polvo.**

I2- **Fininho, fininho, fininho**

(NURC/POA D2 291 l. 320-325)

(46) a- I1- O poncho, a pala, essas coisas, regional é nosso aqui, então, em termos de funcionalidade é uma beleza, no entanto era uma coisa que poderia se(r) uniforme do gaúcho, do, do homem na cidade, usa(r) aquele negócio, claro com outro tipo de corte, com outro tipo de fazenda, enfim seria o sobretudo europeu, francês inglês... (es)tá entendendo, poderia se(r) perfeitamente, vestiria muito bem, e poderiam usa(r) normalmente uma, uma peça dessas mas por que? Jamais, o cara que sai(r) é o grosso entendeu? Agora, digamos, invertamos a,

situação, digamos que, que esse tipo de roupa seja usado na Inglaterra, ah! bom! Trouxe um poncho inglês? Olha só! (Es)tá usando. Claro, não é? e já se vê moda, digamos, o, o como disse, invertamos o sobretudo fosse uma coisa de gaúcho, ficaria coisa **de grosso, de grosso**, seria o termo e o poncho seria, (es)tá entendendo, é por isso e sempre a influência do meio industrialmente desenvolvido, mas...

(NURC/POA D2 291 l. 1010-1024)

b- Doc.-e quando vocês quiseram... escolher uma carreira... o que as levou a escolher a carreira?

L2- a minha eu acho.. eu não tenho certeza para julgar mas eu acho que foi inculcida... meu pai... foi o um:::... era militar:: mas a vocação dele era ter sido... advogado então ele vivia dizendo isso... e eu tenho a impressão eu não posso dizer porque é difícil... para a gente dizer porque de jeito nenhum ele falou “focê vai fazer isso”... nunca... mas eu acho que ele falava **tanto tanto tanto** e eu o admirava muito... eu tenho a impressão que foi... por causa disto embora minha meta fosse Itamarati eu sempre...

Doc.-Diplomacia

L2- pensei em fazer Diplomacia **sempre sempre sempre**... mas depois.. por uma série de circunstâncias... não foi possível.....

(NURC/SP D2 360 l. 1511-1526)

c- L2- .....a gente vive de motorista **o dia inTEIRO, mas o dia inTEIRO**...

(NURC/SP D2 360 l. 93-94)

Um caso interessante de relevo pela repetição é quando esta é mediada por uma conjunção “mas”. Nestes casos observa-se que o relevo feito pela repetição parece ser reforçado pela presença do “mas” (cf. exemplo 46 c).

### 3.4.5 Orações principais

Outro recurso usado para marcar relevo é usar orações principais que no todo do período funcionam como “predicados”. Estas orações principais dão proeminência devido ao seu valor semântico que “diz” da importância para o falante do conteúdo de uma oração que lhe é subordinada (normalmente uma subjetiva simples ou de uma subjetiva + uma objetiva) chamando a aten-

ção do interlocutor para tal conteúdo. Basicamente temos dois tipos de oração principal que desempenham este papel:

a) aquelas constituídas por seqüências (expressões) tais como “é importante”, “é urgente”, “é notório”, “vale a pena”, “é fundamental”, “é imprescindível”, “é significativo”, “é interessante”, “vale a pena” e que vêm acompanhadas de uma oração reduzida de infinitivo subordinada substantiva subjetiva cujo conteúdo recebe um destaque de natureza ideacional/cognitiva, modalizando-o de diferentes maneiras de acordo com a expressão usada, que dirige a atenção do ouvinte para o que se diz a seguir (veja no exemplo 17 o uso de “o importante é”). No exemplo (47) abaixo tem-se a ocorrência de duas dessas orações mas com sujeito representado por SN, mais a repetição dando relevo a “esporte” e criando uma espécie de gradação.

(47) L1- é... então :: ele se vê no ápice da glória como jogador de futebol sempre... ele joga bem sabe?... mas ele se vê sempre como o Pelé:... não é?... e:: então:... a gente... está pensando... como encaminhá-lo no colegial mas também sem... lutar  
muito contra esse gosto dele

[

L2- ahn ahn

L1- precisa **praticar esporte** precisa... **é necessário é fun::é fundamental o esporte** né? ainda mais nessa fase de adolescência...

(NURC/SP D2 360 l. 1338-1346)

b) aquelas constituídas por verbos cujo significado contém traços capazes de fazer o relevo tais como “cumpre/urge/importa/etc.” e que vêm acompanhadas de uma oração reduzida de infinitivo subordinada substantiva subjetiva normalmente seguida de uma oração subordinada substantiva objetiva (importa + notar/observar/registrar/salientar/etc. + que.....). O relevo normalmente é para o conteúdo da oração objetiva, que pode ser ainda mais marcado se a subjetiva é um verbo como salientar/insistir/etc. Alguns exemplos seriam como os de (48).

(48) a- Importa determinar se o direito é ou não uma ciência.

b- Cumpe registrar que minha opinião sobre a questão difere da sua.



Este recurso de relevo é muito comum no escrito. Embora teoricamente ele também apareça no oral, não encontramos, no corpus analisado, exemplos do mesmo. Somente uma ampliação do corpus permitiria verificar se tal recurso realmente é pouco usado na língua falada ou se o fato de não termos encontrado exemplos é apenas uma característica dos inqueritos analisados.

### 3.4.4 Orações reduzidas e orações adjetivas

As orações reduzidas e as orações adjetivas normalmente veiculam informação que o falante vê como secundária ou que, por alguma razão, quer apresentar como tal ao seu interlocutor. Este é o caso em diferentes tipos de texto, conforme já verificamos em estudos anteriores<sup>14</sup>. Não encontramos no corpus analisado (ou nos passou despercebido pela baixa frequência de ocorrência) exemplos que nos permitissem confirmar ou não tal fato para a língua falada. Dessa forma o que pudemos fazer até o momento foi levantar a hipótese de que aparentemente as orações reduzidas e adjetivas têm uma frequência baixa de ocorrência na língua falada (a confirmação dessa hipótese, todavia, exige um estudo quantitativo cuidadoso que ainda não pudemos fazer).

O único exemplo que levantamos deste tipo de recurso foi uma oração adjetiva no exemplo (32) destacada no trecho deste exemplo que reproduzimos abaixo. Evidentemente um único exemplo não dá condições para confirmação ou falseamento da hipótese levantada, mas pode-se perceber que a informação aparece aí como secundária.

- (32) .....o Ketchup estava na mesa, hum, também provou, etcétera, etcétera e ela então veio com a notícia que aquele Ketchup **que estava sendo servido** era ela que tinha feito, o outro, ela tirou, botou o dela e serviu. Aí o pessoal, não é possível, foram provar era o mesmo

(NURC/POA D2 291 l. 213-217).

### 3.5 Marcadores conversacionais

Levantamos a hipótese de que alguns marcadores conversacionais teriam a função de marcar relevo. Isto seria feito sobretudo por aqueles que objetivam chamar a atenção do falante para determinados elementos e idéias

dentro do texto a exemplo de “olhe”, “olha!”, “ó!”, “óia!”, “veja!”, “veja bem!”. Estes marcadores sinalizariam uma opinião do falante, destacando-a. Essa hipótese parece se confirmar, conforme se pode ver no trecho do exemplo (10) que reproduzimos abaixo, em que o falante chama a atenção para o argumento que vai propor a seguir; no exemplo (24) (cf. “*olha*”) em que o falante dá relevo ao que ele sabe fazer e também nos exemplos (49) a (51) a seguir.

(10) I2- ..... Com a, a, a, **olha aqui**, alguém duvida, por exemplo, eu, já, falando sobre o aspecto de comida de novo... mas alguém duvida da, da qualidade da sardinha brasileira. Alguém duvida?

(24) I1- **Olha** eu me limito a faze(r) um bom, bom! Um churrasco (superposição) churrasco. Mas eu posso fala(r).....

(NURC/POA D2 291 l. 201-202)

(49) L- ... i que era hora di eli vim aqui, intão eu saí c’ a minha mãe. Intão, **olha só, mais óia**, achu qui issu é... gozadu até porque é au contrário, né, as coisas...

(NURC/SP DID 59 l. 17-19)

Neste exemplo a falante dá relevo ao fato de que os acontecimentos são ao contrário do esperado e o uso do marcador “*olha*” é que faz isto chamando a atenção do interlocutor para o que o falante vai dizer. Já em (50) o marcador (interjeição?) “*ó*” dá relevo ao espanto que o fato causou na falante.

(50) L- ..... Ela derrubô ácidu sulfúrico na calça..... (inaudível).

E- Sei.

L- ...feiz uma bola!... i a professora: “Passa sabão na... na peli, logu”, né, purqui pegô i ficô tudo vermelhu. Intão, ela, ela pidiu prá mim qui tava ma(is), nossa! Porque, né... Á otra, intão, pe... num sei a mistura errada qui ela feiz, começô a saí uma fumaça... azul! Ela começô a tussi... a minina ficô tão mal!

E- Nossa!

L- Achu qui já tava cum tossi... ela feiz a mistura errada.

E- Sei.

L- ... começô a saf... ó... mais, sabi, pare(cia)... Si filmasse aquilu lá... Nossa Senhora!... intão né... aí.

(NURC/SP DID 59 l. 7-19)

(51) ..... exa:to que é a ética do dever ser do ou do que deveria ser ainda mais entendeu? ((intervenção de locutor acidental)) **olhe** antes que eu esqueça um parêntese... na realidade social talvez eu esqueça isso de futuro... por isso vou dizendo loga agora... o ser e o deve ser na realidade social... eles se: ãh!... complementam andam juntos

(NURC/REC EF 337 l. 580-587)

Em (51) a falante dá relevo ao que vai dizer chamando a atenção através do marcador “*olhe*” e do anúncio do parênteses.

### 3.6 A mudança de código (“code switching”)

A mudança de código, ou seja, a passagem de um tipo de dialeto ou registro para o outro no decorrer de um mesmo texto é um recurso que os falantes utilizam para marcar a importância ou respeito que atribuem ao interlocutor ou ao conteúdo, à entidade que constitui o tópico discursivo (por exemplo ao falar de coisas sagradas, da mãe, etc.). Este tipo de recurso pode ser observado na fala, mas não detectamos a ocorrência do mesmo no corpus analisado.

Efetivamente o recurso opera, pois, inclusive quando um falante entende que seu interlocutor não está dando o devido respeito a algo, costuma cobrar isto do outro. É o que acontece em seqüências como a de (52) abaixo.

- (52) – E aí? Aquela velha chata, encheu muito seu saco ontem?  
– Dobra a língua meu. Quando eu te dei liberdade para falar assim da minha mãe?  
– Desculpe. Sua mãe ficou muito brava ontem, por você chegar tarde?

Talvez o aumento do corpus permita encontrar exemplos deste recurso no corpus mínimo do PGPF.

### **3.7 Recursos estruturais**

#### **3.7.1 Posição nos segmentos textuais**

Giora (1983) diz que a posição final de segmentos textuais (frases, parágrafos, capítulos, versos, estrofes, etc.) dá à informação (entidade, elemento temático) aí colocado um status de “foreground”, um status de informação semanticamente dominante enquanto o que é colocado em posição inicial tem um status de informação “background” dentro da estrutura informacional do texto. No nível da frase isto está diretamente relacionado à questão do tema/tópico – rema/comentário e dado/novo, mas em outros segmentos, inclusive nos maiores (verso, parágrafos, estrofe, capítulos, etc.) o status informacional é o mesmo. A autora não observa conversações e não considera segmentos próprios de textos orais tais como os turnos conversacionais. É uma hipótese a verificar se esta forma de relevo ocorre para segmentos próprios dos textos falados tais como os turnos e os segmentos tópicos (cf. Jubran et alii, 1991).

## **4. Focalização**

### **4.1 Focalização no produtor do texto**

No que se refere aos fatos de focalização o que podemos observar é que, nos inquéritos analisados, o foco predominante é no falante: suas idéias, suas opiniões, suas experiências, de modo que as narrativas são predominantemente na primeira pessoa e os modalizadores nos trechos dissertativos vêm sempre na primeira pessoa (eu acho, eu achei, eu penso, eu gostei, etc.). Este fato observado merece um estudo mais detalhado, para registrar efetivamente como isto acontece. Além do mais não nos parece que se possa afirmar este foco como uma característica fundamental da língua falada, sobretudo se lembrarmos que nos inquéritos do NURC, que constituem o corpus básico do Projeto de Gramática do Português Falado, sempre se solicitava ao falante que falasse de suas vivências e opiniões sobre os temas propostos.

### **4.2 Focalização de partes do texto**

Koch (1994), falando de coesão por remissão, coloca que ela teria duas funções: a reativação de referentes e a sinalização textual. A sinalização textual tem segundo a autora (cf. p. 3) uma “função básica de organizar o texto

fornecendo ao interlocutor 'apoios' para o processamento textual, através de 'orientações' ou indicações para cima, para baixo, para a frente e para trás, ou estabelecendo uma ordenação entre segmentos textuais ou partes do texto". Essa sinalização é feita por recursos tais como "*abaixo, a seguir, acima, respectivamente, seguinte, a seguir, que segue, mais adiante, anterior, posterior, etc.*" em expressões como: *nos exemplos abaixo/a seguir, no capítulo seguinte/ anterior, no próximo capítulo/parágrafo; etc.*

Koch (1984:3,4), adotando proposta de Ehlich (1981), acha que nestes casos seria mais adequado falar de "**dêixis textual**", porque o que se tem em verdade é uma "mostração" dêitica. KOCH registra ainda que para EHLICH "as expressões dêiticas permitem ao falante obter uma organização da atenção comum dos interlocutores com referência ao conteúdo da mensagem. Para consegui-lo, o produtor do texto tem necessidade de **focalizar** (*grifo nosso*) a atenção do parceiro sobre objetos, entidades e dimensões de que se serve em sua atividade lingüística". Isto seria feito através do procedimento dêítico. Ora, este fato configura um recurso de relevo em que o falante dá destaque a algo provocando a concentração da atenção de seu interlocutor em determinado elemento do texto: entidade, item tópico, segmento, etc. Interessa aqui particularmente a dêixis textual como recurso de relevo.

O caso do uso de marcadores registrado no item 3.5 acima parece-nos ser um caso de relevo por dêixis textual em que o produtor do texto como que diz ao seu interlocutor "ó/olha/veja preste atenção no que vou dizer agora". Veja, em (59) abaixo, exemplo de ocorrência deste tipo de recurso de relevo.

(59) a) ..... a segunda pergunta diz assim o que significa dizer que as regras de... conduta social são imposições? foi a segunda pergunta... tem uma parte que complica um pouquinho essa resposta... complica pelo seguinte porque diz... que são... imposições... e tem algo ligado com imposições de conhecimento... aí vou explicar né? a vocês o que significa isso... **eu já expliquei**: eu me lembro porque algumas pessoas tiveram dificuldade... **mas agora para todos**... toda sociedade... à medida que socializa o indivíduo... vai fazendo através do elemento... do composto... sentimento idéia... e vantagem do elemento idéia... ..

(NURC/REC EF 337 I. 52-62)

b) ..... **isso eu expliquei... eu a acho que na segunda ou terceira aula**... mais do que as religio:sas mais do que: as regras morais etcetera... **eu**

**acho que expliquei isso... então vamos passar... por cima disso... ainda um outro ponto... não é? a segunda resposta vocês têm de uma maneira... um pouco rápida porque leram... eu volto somente se alguém tiver alguma pergunta...**

(NURC/REC EF 337 l. 80-86)

- c) **há três perspectivas que vocês leram de novo... isso aí para vocês duas mais do que para eles... elas apenas como reforço didático porque inclusive... já... leram e tiveram um pouco o que significa isso? há três perspectivas... em olhar num é? o direito... o fenômeno jurídico**

(NURC/REC EF 337 l. 117-122)

- d) **isso a gente nós já explicamos em classe...**

(NURC/REC EF 337 l. 230)

- e) **isso eu disse não é? na aula passada...**

(NURC/REC EF 337 l. 248-249)

Pode-se observar neste exemplo que a falante busca de diversas maneiras focalizar a atenção do interlocutores (alunos) para coisas que já disse anteriormente (inclusive em outras aulas) no texto que o curso representa, que vai dizer, ou para o tratamento que vai dar a algo em sua fala. Como se pode observar, pelo menos nestes exemplos, a dêixis textual no oral nem sempre é tão direta e precisa como no escrito, mesmo porque o falante parece não ter uma consciência muito clara dos segmentos do texto oral quanto tem dos segmentos do texto escrito (parágrafos, seções, capítulos, etc.) e por isso refere-se mais a blocos do tipo

“eu falei/expliquei/perguntei/propus (ontem/na aula passada /antes, há pouco, etc); “como no exemplo que vou dar agora/a seguir”; “na análise que fiz/farei”; “então agora posso concluir”; “os casos que vou elencar a partir de agora mostram.....”.

É bem verdade que estes recursos muitas vezes parecem ordenadores dos elementos no texto, e são, mas também focalizam a atenção para elementos do texto que já foram ou vão ser ditos. É interessante observar ainda que no

oral os recursos de dêixis textual que resultam em relevo de focalização são basicamente expressões de natureza temporal (tempos verbais, sobretudo passado e futuro, e expressões do tipo “antes, agora, na aula passada, ontem”, etc.) ou de classificação de elementos utilizados no desenvolvimento do tópico acompanhados de algum elemento ordenador (os exemplos que darei a seguir, a análise que fiz/que farei a seguir, podemos agora tirar uma conclusão, etc.).

## 5. Algumas observações sobre as funções do relevo

Como dissemos na introdução a função básica do relevo positivo é exatamente dar destaque, proeminência, e dessa “derivariam” funções tais como enfatizar; intensificar; marcar um valor especial, indicando que o elemento em relevo deve ser tomado num sentido diverso do habitual, muitas vezes contrário; estabelecer contraste; reforçar um argumento; marcar importância para a estrutura ideacional/informacional do texto, etc.

Vamos agora dar alguns exemplos de ocorrência dessas funções, dentro do corpus analisado.

A **função de enfatizar** ocorre, entre outros, nos exemplos (19b), (25), (41), (42) (todos de relevo feito por topicalização); (23), (27), (28), (29), (30) e (31) (todos de relevo feito por expletivos) e (45) (repetição de “polvo”) e (46) (repetição de “grosso”). Evidentemente a ênfase pode ter razões ideacionais e interacionais como o destacar que é uma entidade que deve ser levada em conta e não outra.

A **função de intensificar** aparece nos exemplos (3) com a entonação particular de “monstruosidade”, (23) com o alongamento de “muito” e (45) com a repetição de “fininho” e em praticamente todas as ocorrências em que o intensificador muito está em relevo.

A **função de marcar sentido especial** pode ser observada abaixo no exemplo (53) (relevo de “diSSEram” pela altura da voz) em que a falante quer que se considere o “dizer” como duvidoso apesar do uso do pretérito perfeito do indicativo que implicaria certeza e no exemplo (54) (relevo de “enGANos” pela altura da voz) em que a falante sugere pelo contexto que na verdade não eram enganos, mas algum tipo de desonestidade.

(53) L2- eu estou em casa... estou super/supervisionando o que pessoal está fazendo... não é?... então (né?) fica mais fácil... e:: o que não dá para fazer

durante o dia eu faço à noite... mas realmente nós estamos precisando de bastante gente... (está precisando de**MAIS** lá)

L1- mas vai ser logo...

L2- eles dizem que vai ser logo

[

L1- eu acho

L2- mas a gente está esperan::do::... não sai nada

L1- é da pe/da prefeitura... e... para procurador do Estado...

L2- ahn ahn

L1- meu marido supõe que::... no primeiro semestre do ano que vem ...

L2- já saia?

[

L1- seja marcado...

L2- ah é?

L1- é

L2- porque di**SS**eram não sei se é mesmo... que enquanto existe um projeto nosso... e:::

provavelmente ele deve ter falado com você

L1- enquanto houver concursados::

L2- não

L1- vão sendo chamados

[

L2- enquanto nã/ não for ser resolvido esse projeto não o projeto que tem... sabe? para os procuradores uma lei... nossa uma regulamentação nossa

(NURC/SP D2 360 l. 496-521)

- (54) L2- houve uma série de irre/éh:: de irregularidades... nas lis/na apresentação da lista de classificação irregularidade foi engano... no no no fazer... na confecção da lista... de de aprovados hou/houv/ começaram a haver alguns enganos... então o pessoal que mand/entrava com mandado de segurança... dizendo que foi contado pontos errados... en**GA**nos simples comuns eh aritmética (às vezes) de somar o número de pontos... então eles entraram com mandado de segurança... anulando aquela lista de classificação... e então havia publicação de outras... e assim foi indo e:: e



a::... de acordo com o edital a validade é dois anos **DA** publicação... dos resultados... da lista de aprovados... então com a:: com esta... com este recurso de mandado de segurança... não foi propriamente o recurso foram coisas que realmente aconteceram...

(NURC/SP D2 360 l. 589-604)

A **função de marcar contraste** pode ser observada no exemplo (7) com o relevo de "**AFIRMO**" para contrastar com "pergunto". No exemplo (17) o relevo dado à conjunção "mas" por si marcadora de oposição, contraste, reforça o contraste que a falante faz entre tudo o que acabou de citar e o que acha realmente importante na escola. No exemplo (55) abaixo o relevo dado pela altura da voz a "**HOmens**" estabelece um contraste com a idéia de que uma vez que os homens fazem tantas restrições à carreira de procurador era de se esperar que eles não se candidatassem tanto. No mesmo exemplo o relevo pela altura da voz dado ao numeral "**UM**" estabelece um contraste entre o número de advogados e o número de engenheiros solicitados pelas empresas para contratação, enfatizando ao mesmo tempo a diferença. No exemplo (56) o relevo do advérbio "**aGOra**" marca o contraste entre antigamente e a situação atual. No exemplo (57) o relevo de "**priMÁRIO**" e "**giNÁSio**" estabelece um contraste entre estes níveis de ensino e o nível superior (medicina).

(55) L2- é... ( ) depois é depois passou a carreira para ser procuradores do estado... e aí ( ) e apesar de todas essas restrições feitas... pelos homens... é in**CRÍ**vel o número de candidatos para prestar concurso... o numero de **HOmens** que se candidatam ... e por aí a gente vê por **FOra**... como a coisa está difícil ( ) por isso eu vejo pelo meu marido... como eu falei para vocês ele faz seleção de pessoal né?... então... ele diz que para.....  
.....  
que para cada cem engenheiros que são pedidos... é pedido **UM** advogado... quer dizer a desproporção é in**CRÍ**vel...

(56) Inf. certo eu acho que o o o antigamente os cinemas... o ambiente era outro... a gente ia ao cinema tinha em São Paulo tinha uns cinemas ótimos eu acho que **aGOra** o:: o pessoa::l sei lá eles vão de qualquer jeito ao cine-

ma do jeito que estão::... eles emendam saem do trabalho vão ao cinema saem da escola vão ao cinema.....

(NURC/SP DID 234 l. 542-547)

(57) Doc. sei e (o ensino?)

Inf. aGOra o ensino... eu acho naquele tempo o ensino melhor do que... hoje né? porque eu acho hoje um pouquinho::... (vamos dizer) confuso pra o:: o estudante

Doc. em todos os níveis ou ... cê acha que

[

Inf. não... no nível superior medicina não eu acho que (ao menos) medicina... bom as deficiências que tem agora os estudantes... falam nós também tínhamos naquela época não bradávamos tanto quanto eles bradam é questão só de... falar de reclamar né?... então nós tínhamos também no ensino superior não agora no priMÁRIO e no giNÁSio eu acho... diferença... antigamente achava be/bem melhor o ensino (sabe?)... apesar de os estudantes hoje terem muito mais facilidade do que nós no ( ) antigamente né... então nós tínhamos MUIto mais dificuldade... porque não tinha MUItos meio de comunicação como o estudante tem hoje.....

(NURC/SSA DID 231 p. 2)

A função de constraste pode apresentar subfunções tais como marcar algo como ou oposto ou simplesmente diferente de algo que veio antes; marcar, na correção, a forma correta em relação à errada anterior (cf. exemplo 5b).

A função de reforço de argumento pode ser observada no exemplo (7) com o relevo dado ao operador argumentativo também em “TAMBÉM a lei”.

A função de marcar importância para a estrutura ideacional/informacional (cognitiva) aparece em quase todos os exemplos com relevo dado a substantivos como no exemplo (4), em que temos o relevo de “or-de-na-do” (pela silabação) e de “CLASSIFICAÇÕES” dados como importantes para o conteúdo da idéia defendida pela professora, e no exemplo (1) em que o relevo dado ao adjetivo “ALTA” pela altura da voz marca a importância deste fator na justificativa para não fazer o café da manhã tal como descrito, o que certamente implica em reforço de argumento.

O relevo pela altura da voz pode ter a **função de marcar o foco informacional**<sup>15</sup>, indicando a informação que é vista como inteiramente nova, muitas vezes contrastando com uma informação que se pretende corrigir. Isto pode ser observado em uma seqüência como a de (58).

(58) A- Seu irmão chegou hoje, não foi?

B- Não, ele veio **ONTEM**.

Embora o relevo possa acontecer por razões emocionais (raiva, irritação, entusiasmo, surpresa) não parece que se possa dizer que o relevo tem a função de marcar emoções.

Nem sempre é fácil fixar a função que tem um dado relevo feito pelo produtor do texto porque na verdade ele pode ter várias funções em planos diferentes muitas vezes derivadas umas das outras. Assim por exemplo uma ênfase pode ter implicações ideacionais ou argumentativas ou no estabelecimento de contraste, este por sua vez pode reforçar um argumento e assim por diante.

Evidentemente o capítulo das funções ou papéis que o relevo tem no funcionamento do texto em uma situação concreta de interação merece um estudo particular e aprofundado que certamente não fizemos. Além do mais a teorização sobre as funções exige que outras questões sobre como o relevo ocorre estejam devidamente descritas, embora alguns fatos ou princípios já possam ser levantados com base no já estudado. As funções acima arroladas certamente dizem respeito a certos tipos de relevo como o feito por meios fonológicos, lexicais, alguns sintáticos tais como a topicalização e a repetição. Já os relevos de figura e fundo feitos pelo aspecto e pelo tempo; a apresentação de informações como principais e secundárias podem ter funções de organização de informações que parece não seriam próprias de algumas formas de relevo. Assim a teoria das funções exigiria primeiro o estabelecimento de cada tipo de relevo e de como ele feito, em seguida o estudo das funções que cada tipo de relevo pode exercer e finalmente um cotejo que levantaria quais funções seriam comuns a todas ou a algumas formas de relevo e se alguma forma de relevo teria funções que lhe seriam próprias e particulares.

## 6. Considerações finais

Constatada a existência do fenômeno do relevo e que ele se estabelece através de vários e diferentes recursos da língua, algumas questões começam a

se delinear. Assumindo que o falante dá instruções ao ouvinte durante o ato comunicativo por meio de elementos lingüísticos que tipo de instrução representa o relevo?

Parece que várias respostas são possíveis, mas de maneira geral a instrução é algo que poder-se-ia verbalizar como:

- a) "dê importância maior a tal elemento e não a outro ou
- b) dê importância ao que vou dizer agora, ou
- c) o que disse, estou dizendo ou vou dizer, por alguma razão, é importante para mim ou considero-o importante:
  - para as idéias que estou apresentando e/ou
  - para a conclusão a que quero que você chegue e/ou
  - para a interação que está ocorrendo entre nós
- e) por isso, você deve levar isto em conta"
- d) ou, no caso do relevo negativo, não dê importância a este elemento ou ao que estou dizendo agora.

As conseqüências disto nos efeitos de sentido que são produzidos entre os interlocutores nas situações concretas de comunicação são muitas e variadas e abrem também um novo veio de questões a serem resolvidas.

O relevo é de que nível: sintático, semântico, pragmático? Parece que independente do tipo de recurso utilizado ele é sempre de caráter pragmático e tem uma origem e um resultado na interação entre os falantes numa dada situação de comunicação em que o relevo adquire um determinado valor e não outro em decorrência de sua função específica dentro de um texto específico usado como meio de interação em uma situação específica.

Em vários momentos pudemos constatar que os recursos utilizados para dar relevo podem atuar em conjunto e em alguns exemplos anotamos tal ação conjunta. O estudo de como essa ação conjunta se dá, de quais recursos podem ou não agir conjuntamente no estabelecimento de relevo é, sem dúvida, um estudo a realizar.

Finalmente é preciso registrar que o relevo é um fenômeno da constituição dos textos que realmente tem um papel importante na construção e organização dos mesmos, tanto que perpassa vários outros fatos da língua em vários planos e níveis, uma vez que se faz com recursos fonológicos, morfoló-

gicos, lexicais, sintáticos, semânticos e da estrutura do texto, atingindo elementos isolados ou tipos de elementos. Essa abrangência do fenômeno recomenda que ele deve ser melhor estudado enquanto um dos organizadores do texto e da interação a que este serve.

Como se vê este estudo revela que temos aqui outro campo para pesquisas lingüísticas e que há muitos fatos a serem descritos e muitos problemas a serem resolvidos.

## NOTAS

- <sup>1</sup> Os elementos que se colocam em relevo seriam "partes" do conteúdo ou certos tipos de conteúdo (como, por exemplo, ações que constituem os episódios de uma narrativa que aparecem em partes da narrativa como a complicação e a resolução em relação ao pano de fundo que aparece em partes da narrativa como orientação e avaliação) dentro do desenvolvimento do tópico discursivo ou se dá relevo a certas entidades, relações, mudanças de tópico, etc. Assim podem ser colocados em relevo: a) episódios de uma narrativa em relação ao cenário, descrições de personagens, ações de pano de fundo; b) ações em relação a outras por razões emotivas; c) determinados conceitos; d) um argumento em relação a outros; e) a introdução de um novo subtópico ou a volta a um subtópico; f) determinadas relações entre proposições; g) uma forma de dizer em relação a outra que talvez o falante considere menos apropriada, etc.
- <sup>2</sup> No relevo negativo, o falante procura fazer com que algo passe despercebido, provavelmente algo que não pode deixar de dizer, mas a que não quer o interlocutor dê muita atenção. Um recurso para este fim seria falar rápido e baixo. Não encontramos exemplos deste fato no corpus analisado, talvez porque os mesmos ocorram exatamente nos pontos dos inquéritos em que a fala fica ininteligível.
- <sup>3</sup> Os inquéritos do segundo grupo só foram utilizados na análise que resultou nos quadros 1 e 2.
- <sup>4</sup> As formas de relevo aqui elencadas foram basicamente levantadas em Travaglia (1991).
- <sup>5</sup> Kalmár (1982) afirma que nas narrativas da língua esquimó Inuktitut o modo verbal organiza as informações em essenciais e secundárias.
- <sup>6</sup> Travaglia (1991) registra para o Português que em todos os tipos de textos (descrição, dissertação, narração e injunção) as formas nominais (em orações reduzidas) sempre veiculam informações secundárias.
- <sup>7</sup> Li, Thompson e Thompson (1982) dizem que no Mandarim este relevo, na narração, seria marcado por uma espécie de sufixo, a partícula "-LE".
- <sup>8</sup> Entrariam aqui questões como o que a teoria literária estudou com o nome de foco narrativo: no falante: 1ª pessoa, nos participantes: 3ª pessoa.
- <sup>9</sup> (5b) permite levantar a hipótese de que há correções em que o falante dá relevo à forma correta para marcá-la. É preciso verificar se este caso ocorre mais vezes, ampliando o corpus e levantando mais casos de correção com relevo da forma correta.

- <sup>10</sup> As lingüistas Maria Luiza Braga e Margarida Basílio levantaram a hipótese de que este recurso é lexical e não fônico. A meu ver a hipótese procede, se considerarmos "tcham, tcham, tcham" como uma palavra da língua e não uma espécie de música de fundo.
- <sup>11</sup> O verbo ser aparece usado em diferentes tempos e pessoas.
- <sup>12</sup> Este tipo de verbo foi proposto por Travaglia (1991: 67).
- <sup>13</sup> Veja, por exemplo, Travaglia (1989) (1989a) e Marcuschi (1992).
- <sup>14</sup> Veja Travaglia (1991).
- <sup>15</sup> Isto já foi observado por outros autores, como por exemplo Halliday (1967) apud Braga e Oliveira e Silva (1984).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRAGA, Maria Luiza e OLIVEIRA e SILVA, Giselle Machline de (1984) Novas considerações a respeito de um velho tópico: a taxonomia novo/velho. In: GUIMARÃES, Eduardo Roberto Junqueira. (org.) *Lingüística: questões e controvérsias*. Uberaba, Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas de Uberaba, 1984, p. 27-40 (Série Estudos, 10).
- FUCHS, Anna (1987) *Aspecto verbal e dêixis*. Universidade de Brasília / Universidade de Göttingen, cópia de texto inédito (36 p.)
- GIORA, R. (1983) Segmentation and segment cohesion: on the thematic organization of text. In: *Text*. v. 3(2): p. 155-181.
- HALLIDAY, M. A. K. (1967) Notes on transitivity and theme. *JL* 3.
- HOPPER, Paul J. (1982) Aspect between discourse and grammar: an introductory essay for the volume. In: HOPPER, Paul J. (ed.). *Tense-aspect: between semantics and pragmatics*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1982, p. 3-18 (Typological Studies in Language – v. 1)
- JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi (1995) *Tipologia de parênteses*. Assis-SP, mimeo, 20 p.
- \_\_\_\_\_ et alii. (1991) Organização tópica da conversação. In: ILARI, Rodolfo (org.) *Gramática do Português Falado Vol. II: Níveis de análise lingüística*. Campinas, Ed. da UNICAMP, 1992, p. 357-447.
- KALMÁR, Ivan (1982) The function of Inuktitu verb modes in narrative texts. In: HOPPER, Paul J. (ed.). *Tense-aspect: between semantics and pragmatics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1982, p. 45-64 (Typological Studies in Language – v. 1)

- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (1989) *A coesão textual*. São Paulo, Contexto.
- \_\_\_\_\_. (1994) *Coesão e coerência: verso e reverso*. Campinas, IEL/UNICAMP, mimeo. 11 p.
- LI, CHARLES, THOMPSON, Sandra A. e THOMPSON, R. McMillan (1982) The discourse motivation for the perfect aspect: the mandarin particle – LE. In: HOPPER, Paul J. (ed.). *Tense-aspect: between semantics and pragmatics*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1982, p. 19-44 (Typological Studies in Language – v. 1)
- MARCUSCHI, Luiz Antônio (1992) *A repetição na língua falada – Formas e funções*. Recife, UFPe/Tese para concurso de Professor Titular em Linguística. 196 p.
- \_\_\_\_\_. (1995) *A hesitação*. Recife, inédito/cópia xerox, 29 p.
- RAFFERTY, Ellen (1982) Aspect in conversational Indonesian. In: HOPPER, Paul J. (ed.). *Tense-aspect: between semantics and pragmatics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1982, p. 65-87 (Typological Studies in Language – v. 1)
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos (1989) A repetição na língua oral: tipos, causas e funções. In: *Estudos lingüísticos / XVII Anais de seminários do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo*. São Paulo, USP/GEL-SP, 1º semestre 1989, p. 227-238.
- \_\_\_\_\_. (1989a) Considerações sobre a repetição na língua oral e na conversação. In: *Letras & Letras* v.5 n. 1 e 2. Uberlândia, EDUFU, julho e dezembro de 1989, p. 5-61.
- \_\_\_\_\_. (1991) *Um estudo textual-discursivo do verbo no Português do Brasil*. Campinas/Uberlândia, UNICAMP/IEL, Tese de Doutorado, 330 p. + 124 p.
- WEINRICH, Harald (1968) *Estructura y función de los tiempos en el lenguaje*. Madrid, Gredos.